PATRICIA BADARI

INVENÇÕES AMOROSAS

odisséias contemporâneas

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica

PUC – SP

São Paulo 2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

PATRICIA BADARI

INVENÇÕES AMOROSAS

odisséias contemporâneas

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifíca Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa., Doutora Suely Belinha Rolnik.

PUC – SP

São Paulo 2007

Banca Examinadora

Dedico estas pequenas articulações aos variados amores que foram se achegando ao longo do caminho, muitas vezes sinuoso. Um homem que trouxe ruídos, um rapazinho que com seu “não faz problema” encharcou-me de delicadeza, amigos – muitos e muitos amigos.

Obrigada.

RESUMO

Este estudo propõe-se a refinar e a delinear, a partir de um conto e de três filmes, os encontros e desencontros nas parcerias amorosas contemporâneas; os diversos modos de amar que são constituídos em cada relação, a inventividade e o inédito criados como possibilidades, seja por um instante ou dilatando o tempo presente. E se não existe uma universal sobre o amor, sobre a união de um homem e uma mulher - o amor é o que faz parar a necessidade ou a impossibilidade dessa parceria, e particulariza-a, torna-a única.

Palavras-chave: amor, parceria, clínica, cinema, literatura.

ABSTRACT

This study proposes to refine and to outline, from a story and three films, the encounters and disencounters in contemporary loving partnerships; the different manners of loving that are constructed in each relationship, the inventiveness and the uniqueness created as possibilities, as to an instant or expanding the present time. And if an universal premise about loving or about a man and a woman union doesn't exist - love is what makes the necessity to stop or shows the impossibility of this partnership, and so, particularizes it, turning it in one of a kind.

Keywords: love, partners, clinic, movie, literature.

SUMÁRIO

RESUMO..... 05

ABSTRACT..... 06

UMA PEQUENA INTRODUÇÃO..... 09

AMOR LÚBRICO..... 17

AMORES INSTANTÂNEOS..... 34

QUANDO AMAR É INFERNAL..... 53

“CARTAS DE AMOR”..... 68

ALGUMAS CONCLUSÕES..... 82

BIBLIOGRAFIA..... 87

Amor Lúbrico
Amores Instantâneos Amor Lúbrico
Quando Amar É Infernal Amores Instantâneos
“Cartas De Amor” Quando Amar É Infernal
“Cartas De Amor”

Amor Lúbrico
Amores Instantâneos Amor Lúbrico
Quando Amar É Infernal Amores Instantâneos
“Cartas De Amor” Quando Amar É Infernal
“Cartas De Amor”

Amor Lúbrico
Amores Instantâneos Amor Lúbrico
Quando Amar É Infernal Amores Instantâneos
“Cartas De Amor” Quando Amar É Infernal
“Cartas De Amor”

Amor Lúbrico
Amores Instantâneos Amor Lúbrico
Quando Amar É Infernal Amores Instantâneos
“Cartas De Amor” Quando Amar É Infernal
“Cartas De Amor”

Amor Lúbrico
Amores Instantâneos Amor Lúbrico
Quando Amar É Infernal Amores Instantâneos
“Cartas De Amor” Quando Amar É Infernal
“Cartas De Amor”

Amor Lúbrico
Amores Instantâneos Amor Lúbrico
Quando Amar É Infernal Amores Instantâneos
“Cartas De Amor” Quando Amar É Infernal
“Cartas De Amor”

Amor Lúbrico
Amores Instantâneos Amor Lúbrico
Quando Amar É Infernal Amores Instantâneos
“Cartas De Amor” Quando Amar É Infernal
“Cartas De Amor”

UMA PEQUENA INTRODUÇÃO

"Ah, a flor do amor tem muitos nomes.

Nhorinhá prostituta, pimenta branca,

boca cheirosa, o bafo de menino-pequeno.

Confusa é a vida da gente;"[1].

Eurípedes e sua Medéia, suas Bacantes. Aristófanes e suas mulheres, sua greve do sexo. Homero, Ulisses e Penélope. Platão, Alcebíades e Sócrates - um banquete. Dante e Beatriz. Shakespeare, Romeu e Julieta. Sade e seus contos libertinos. Machado de Assis e Capitu. Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Alberto Caieiro e seus poemas de amor. Lol V. Stein de Duras...

Grécia antiga, Idade Média. Clássicos, séculos passados, tempos atuais. Franceses, ingleses, portugueses, brasileiros... Amores platônicos, cortês. Amores românticos, instantâneos. Amores lúbricos, infernais. "Cartas de amor".

Tantas e tantas histórias, poemas, contos, romances, teorizações e discussões "calientes". Articulações amorosas que deixaram seus traços na origem do amor ocidental e que influenciaram o homem contemporâneo.

---

[1] ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 206.

Ditos, pequenas frases, cartas que viajam quilômetros e quilômetros de distância, seladas e enviadas pelo correio, em garrafas, pelas estradas, pelos mares e ares dos mais variados e, até, virtuais. Torpedos, e-mails, pequenos bilhetes, lembretes... Eis o amor - amores.

Amores contados, narrados, filmados em tempos, modos e culturas das mais diversas e variadas. Então, por que escrever sobre o amor, sobre filmes e contos que narram mitos, lendas, tragédias e histórias de amor?

Porque se os amores são os mesmos, eles seguem distintos. Seja pela particularidade de um sujeito, de um casal; seja pela particularidade de um tempo social, político e, também, teórico. E, por que não, pela particularidade de um escritor, cineasta ou mestranda.

Marçal Aquino, Sandra Werneck, Arnaldo Jabor, Paula Hernández – um escritor e três cineastas. *Sete epitáfios para uma dama branca, Amores possíveis, Eu sei que vou te amar, Herencia* e Patricia Badari – uma mestranda – que os lê, os assiste, interpreta, apaixona-se - que "conta um causo e aumenta um ponto"[2].

Invenções amorosas – odisséias contemporâneas. Uma dissertação. Pequenas, provisórias articulações sobre o amor, sobre a sexualidade, o encontro e desencontro de homens e mulheres; as invenções, enlaçamentos possíveis, a partir de um conto e três filmes.

Se Platão teve seu banquete, apresento-lhes o meu.

---

[2] Há um ditado popular que diz que quem conta alguma coisa sempre aumenta ou inventa algum detalhe, coloca sua interpretação sobre o que vê, ouve ou lê. (nota da autora).

Literatura, cinema, música, filosofia, psicanálise. Amores, amigos, colegas, professores, orientadora, analista. Conversas de botequim, de mesas de café; conversas rápidas, longas, sortidas. Leituras, aulas, seminários. Sigmund Freud, Jacques Lacan, psicanalistas lacanianos. Gilles Deleuze, Félix Guattari e a poesia trazida pela esquizoanálise.

Banquete farto e variado, do qual lhes contarei pequenos detalhes de alguns amores[3] lúbricos, instantâneos, infernais ou de singelas "cartas de amor", pois as ligações amorosas sempre foram e continuam sendo múltiplas e variáveis.

Temos, ainda hoje, as ligações amorosas sem a aproximação sexual. E seriam elas tentativas de manter a perfeição das idéias, o amor como algo encantado, inumano e inatingível? Ou impossibilidades reais do encontro com algo do sexual, amarrações e nós de satisfações que nos levam à solidão efetiva?

Os humanos - homens e mulheres - sempre se reuniram, pensaram e articularam um saber para um mundo perfeito das idéias, para construírem o conhecimento, a *episteme,* fruto de inteligência e amor. Mas, também, para tentarem eliminar as diferenças inerentes às posições masculinas e femininas; para deixarem de lado as exigências da carne, os pequenos prazeres que marcam os corpos e que muitas vezes são insuportáveis a alguns sujeitos.

[3] Neste estudo, as articulações sobre os diversos e variados modos de amar irão ser abordados a partir de relações heterossexuais. Fica como projeto futuro, pensar as parcerias amorosas nas relações homossexuais. (nota da autora).

Eis os descompassos amorosos. Impossibilidades e possibilidades. Homens e mulheres.

Homens que cortejam a mulher amada, juras de amor oferecidas pelo cavalheiro à dama inacessível, canto ao amor infeliz. O conquistador e suas inúmeras mulheres tomadas uma a uma, tornando-as únicas. Amantes, sujeitos do verbo amar ou apassivados perante o horror e incertezas do amor. Maridos, “ficantes”, “cachos”, “namoridos” – homens que estão ao lado, bem ali perto ou distante - muito distante de uma mulher.

Donzelas, puras. Lolitas, meninas jovens que encantam, instigam e acordam os homens maduros. Meretrizes, putas, mulheres da vida e na vida. Esposas exigentes, servis; que complementam, que servem e são servidas... Santas, mulheres em seu mundo encantado, mulheres tristes e sempre insatisfeitas. Mulheres para amar, mulheres para casar, mulheres para trepar. Concubinas, amantes, amadas. Mulheres inexistentes, mulheres super-potentes.

Homens e mulheres, sexualidade, amor, união de um homem e uma mulher, encontro amoroso, encontro para sexo, carícias verbais, manuais... Desde que o homem civilizou-se, a articulação da sexualidade e amor, as parcerias entre homens e mulheres não são simétricas e, tampouco, harmônicas.

E como pensar as diferenças anatômicas entre os sexos, as diferentes posições subjetivas, o casamento, os amantes, os “ficantes” em

nossa atualidade, denominada de tempos hipermodernos[4], acentuadamente marcada pela fragilidade dos laços humanos? Estamos em um tempo em que as relações não são mais garantidas e nem solidificadas pelos ideais.

Se antes os mitos, as lendas e as tragédias de amor serviam de norte, no que os sujeitos têm se pautado dada à inexistência desse norteamento? Como anda a parceria entre homens e mulheres? Quais as exigências que um faz ao outro?

Cabe-nos refinar, nos diversos modos de amar, a singularidade, a inventividade e o inédito criados como possibilidades, seja por um instante ou dilatando o tempo presente.

A própria noção de casamento mudou ao longo do tempo. Se inicialmente tinha uma função social: a continuidade do poder, concentração de riquezas, etc.; se eram acordos familiares, entre castas, ficando separados a sexualidade e o amor. Isso mudou.

O amor passou a ser uma condição necessária ao casamento, além do conforto, afeição e interesses sociais e familiares. Homens e mulheres descobrem que podem inventar suas próprias vidas.

Até mesmo os lugares designados socialmente às mulheres - esposa, mãe - já não funcionam tão bem. Desde quando a mulher

---

[4] "Hipermodernidade: uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer. (LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos.* São Paulo: Barcarolla, 2005. p. 26).

começou a falar, a responder, a perguntar, a questionar as juras de amor dos homens, e até mesmo, passou a não acreditar tanto nelas - tudo mudou.

Será que a “nova mulher”, tão poderosa e dona de si, como temos visto em nossos dias, não precisa mais do amor? Já sabe fazer sexo como homem e separa, mais facilmente, sexo e amor? E os homens? Eles têm assumido posições mais femininas para manter algo do amor ainda vivo?

Algumas conquistas sociais e, até mesmo jurídicas, como a tão almejada igualdade entre os sexos, só nos revelam, cada vez mais, a dissimetria e a disparidade entre homens e mulheres.

Então, chegamos às novas servidões, novos imperativos? Ou, de fato, surgem artifícios e configurações amorosas novas?

Temos novos ditos de amor no contemporâneo. Modos múltiplos de dizer do que há de sem sentido e inominável no encontro de um homem e uma mulher, seja em um encontro somente para satisfação sexual, para amarem e enlaçarem seus corpos, ou em apenas um olhar que pousa e marca os diversos corpos.

São muitas as mudanças sofridas na semântica das palavras de amor. As significações podem ser várias ao longo do tempo e espaço, inclusive, de uma mesma relação amorosa.

Tantas mudanças sociais e, logicamente, novas problemáticas na subjetividade humana, já que os modos tradicionais não bastam mais e não servem como referência ou produção de sentido. Mas, se não temos

mais amores ideais, ainda temos amores. Podemos fazer greve de sexo, mas não desistimos da tão gostosa guerra dos sexos.

O amor continua sendo um encontro fora dos trilhos traçados ao longo da vida. E quando acontece, o coração palpita, as mãos tremem, o corpo sua. Ele arranha, resvala ou, até mesmo, escorrega pelo desejo.

Destas ranhuras do encontro o convite é fazer delas uma erótica, entalhes sensuais, libidinosos, lúbricos e, porque não, um lirismo amoroso.

Resta, então, o esforço poético de expressão da condição absoluta de um sujeito. Sua ausência como ser é irredutível, mas mesmo assim, que teça o que este encontro do desejo com algo que lhe causa e que não se encaixa tão bem, quer dizer.

Que faça sua ode ao amor, sua composição poética, mesmo que seja o canto de um amor lúbrico, escorregadio, que toca o desejo e se vai. Amores instantâneos, dada a fragilidade das relações contemporâneas e a urgência do tempo. Amores infernais ou “cartas de amor”, pequenas palavras de carícias.

Invenções e odisséias contemporâneas do amor, nas quais se vê a tessitura de escritas, filmagens, narrações... Mas, sempre os amores e suas inúmeras possibilidades.

Vivo[5]

Precário, provisório, perecível
Falível, transitório, transitivo,
Efêmero, fugaz e passageiro:

Eis aqui um vivo.

Impuro, imperfeito, impermanente,
Incerto, incompleto, inconstante,
Instável, variável, defectivo:

Eis aqui um vivo.

E apesar –
Do tráfico, do tráfego equívoco,
Do tóxico do trânsito nocivo;
Da droga do indigesto digestivo;
Do câncer vir do cerne do ser vivo;
Da mente, o mal do ente coletivo;
Do sangue, o mal do soropositivo;
E apesar dessas e outras,
O vivo afirma, firme, afirmativo:
"O que mais vale à pena é estar vivo".

Não feito, não perfeito, não completo,
Não satisfeito nunca, não contente,
Não acabado, não definitivo:

Eis aqui um vivo.

Eis-me aqui.

[5] LENINE; RENNÓ, C. Vivo. In: *Cite*. São Paulo: BMG Brasil. 1 CD. Faixa 2.

AMOR LÚBRICO

"(...) sempre que se começa a ter amor a alguém,
no ramerrão, o amor pega e cresce
é porque, de certo jeito,
a gente quer que isso seja,
e vai, na idéia, querendo e ajudando;
mas, quando é destino dado, maior que o miúdo,
a gente ama inteiriço fatal,
carecendo de querer,
e é um só facear com as surpresas."[6]

Os amantes

Um homem e uma mulher. "Ele, mãos enormes, grossas, os dedos meio tortos. Ela, pele e olhos claros, cabelo curto de menino, descalça, media 1,65m e, nua, pesava 54 quilos"[7]. Ele, trabalhador de uma Usina Hidrelétrica. Ela, esposa do figurão. Personagens do conto de Marçal Aquino, "Sete Epitáfios para uma Dama Branca".

Um passeio pela reserva indígena, a chegada ao igarapé e algo captura o sujeito homem. "Ela fez algo inesperado.[...] Primeiro tirou o tênis e, em seguida, o vestido, puxando-o pela cabeça. Não estava usando

[6] ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 155.
[7] AQUINO, M. Sete epitáfios para uma Dama Branca. In: *O Amor e outros objetos pontiagudos.* São Paulo: Editorial, 1999. p. 19.

sutiã, apenas uma calcinha branca, que despiu e jogou sobre o vestido antes de descer a elevação e entrar na água. Eu e o cacique ficamos imóveis por um momento. Então ele fez um comentário sobre a beleza da floração dos ipês naquela época do ano e eu voltei a tirar fotografias. Como se aquilo não estivesse acontecendo à nossa frente. Era a primeira vez que eu a via nua em um lugar que não fosse um dos quartos mal iluminados do hotel ordinário da cidade. [...] Aquele era um momento que não podia ser deixado só por conta da memória, e eu a fotografei até ouvir o ruído do filme terminando e sendo rebobinado”[8].

Um lirismo, uma exaltação apaixonada desse instante que como uma pequena brisa atiça a brasa dos amantes e deixa entrever algo do que motiva o desejo desse homem entalhado no corpo da mulher.

“A brasa cresce em labareda”[9]. O olhar é despertado e ver é sua função, mesmo que de modo parcial.

Esses amantes encontram-se em quartos de hotéis, transam, fazem sempre o mesmo, mantêm uma regularidade. Encontros que fazem série em uma tentativa insistente de legitimar o motivo de serem amantes. Ela está insatisfeita com o marido e com os homens que conheceu, pois nenhum deles está à altura de seus pedidos de amor, não a satisfazem. Ele, por sua vez, nunca soube o que fazer com uma mulher para além da cama, para além do sexo.

---

[8] AQUINO, M.' Sete epitáfios para uma Dama Branca. In: *O Amor e outros objetos pontiagudos*. São Paulo: Editorial, 1999. p. 22 - 23.

[9] AMADO, J. *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: Uma história de amor*. Rio de Janeiro: Record, 1976. p. 12.

Assim, justificam os fatos, ajustam seus corpos e se mantêm aconchegados nos leitos de hotéis. No entanto, a verdade não é o verdadeiro. A verdade é apenas uma interpretação e produz um sentido. Mas, não o detém. O sentido sempre escapa, dada a impossibilidade de calcular seus efeitos, como por exemplo, nos quartos de hotéis pode se dar o encontro com o que se conjuga com o desejo e isto pode ser insuportável aos sujeitos.

Estas duas pessoas não sabem a comida preferida, qual o gosto de leitura ou o estilo musical uma da outra. Nada sabem sobre a infância, os sonhos, as frustrações, a história familiar de cada um. Não sabem e não precisam saber de nada disso. São duas pessoas que se hospedam com freqüência em quartos de hotéis vulgares para fazerem sexo. É só sexo entre dois adultos que querem seguir como amantes.

No entanto, algo escapa desse acordo entre os parceiros de se obter apenas satisfação sexual. O desejo sempre está além ou aquém daquilo que o sujeito diz querer: meros encontros para sexo. E, ver uma mesma pessoa e com tal assiduidade já faz suspeitar de um além ou um aquém desses “meros encontros”.

Presentear a mulher com quem se faz só sexo com sua vontade de conhecer índios de verdade; proporcionar-lhe um passeio surpresa, mesmo que seja com a desculpa de não ter o que fazer, é por se estar afeito à preservação da natureza? Ou se trata de algo mais?

Ter um amante em cada usina, como sempre o fez essa mulher -, e visitar quartos de hotéis ordinários pode tratar-se apenas de repetição, um mesmo modo de obter satisfação, não importando com quem. Isto a aquieta e faz a estada mais aprazível. Obtêm-se, assim, uma satisfação substitutiva ao desejo.

Mas, a rotina, a disciplina da repetição tomada como única fonte possível de satisfação é, paradoxalmente, o que mata o desejo e pode produzir cansaço com o tempo.

Mesmo sem se saber, a monótona repetição dos encontros destes amantes para sexo é rompida e o que de novo se instala entre eles se opõe à verdade acordada: ele ter um corpo de mulher e ela a confirmação de que não há homem digno o suficiente de receber o seu amor.

Esses encontros repetitivos são os que semeiam o terreno para a surpresa. Podemos chamá-los de preliminares e eles fazem série e, toda série pressupõe um intervalo, ou seja, um tempo de espera entre um

O amante dá de presente à mulher, amante-amada, sua vontade de conhecer índios e, justamente, onde a simples intenção de conhecer uma reserva indígena é falhada surge um ato bem-sucedido – um olhar que captura algo que causa um desejo.

Quebra-se, assim, a série de encontros para sexo, e é aí que algo de inesperado surge: esta mulher não é mais somente um pedaço de corpo, tanto para ele, quanto para ela própria. Um acontecimento que “curto-circuita” o que estava meticulosamente planejado: encontros entre amantes para apaziguar a insatisfação e conter o que escapa.

Pela primeira vez, ele captura algo do que causa seu desejo entalhado no corpo dessa mulher, apesar de tê-la visto nua, inúmeras vezes. No entanto, vale dizer que não é do sexo da mulher, de seus caracteres secundários e nem da relação sexual que se extrai a causa de um desejo. Um belo corpo, uma bela mulher ou uma boa transa podem garantir orgasmos múltiplos, às vezes, e também servir para recobrir um desejo bem desfalecido ou insustentável como o desses amantes.

Mas, após este “acontecimento-imprevisto” ela não se reduz mais a um corpo, receptáculo de espermas. É elevada à condição de sujeito, de mulher e desejada. E, como decorrência, algumas questões se impõem para ambos. O que fazer com uma mulher, já que ela não é só um pedaço de corpo? E se uma mulher não é só essa carne para servir aos homens: O que é ser uma mulher para um homem?

Repetição de encontros que denunciou seus motivos. Narrativa que renunciou a si mesma. Mexerico de amantes, encontros e conversas estratégicas, em uma tentativa insistente de fazer vivo o personagem “amante”, desfalecido há tempos.

Ausência de conhecimento e justificativas que se dissiparam. Restava-lhes, então, o vestígio do que motivava o desejo de cada um e lhes fariam ter um nome próprio.

Dama branca é um primeiro nome dado à mulher amada por este homem? Podemos chamá-lo de amante das damas brancas?

Esse homem estremece com o que vacila na repetição e sobrevém com a surpresa, o que há para ser visto, que insiste, fura e vaza. O que advém com a surpresa umedece o desejo, mesmo que apenas deslize sobre ele.

O lúbrico, apesar de escorregadio, é lascivo e sensual e, assim, retira esse homem de seu mundo possível “ser amante” de uma mulher e joga-o em direção ao impossível e ao imprevisível: ousar uma mulher, mesmo que seja amada como amante ou dama branca.

Um instante de ver, no encontro com o outro sexo, este traço de algo que a mulher porta e que resvala no desejo do homem, o que lhe desarranja a vida e lhe causa angústia sempre que surge: o que há para além do pedaço de corpo.

Tempo para compreender o que este encontro quer dizer e momento de concluir sobre o entalhe alongado na espessura do desejo - ranhuras do encontro do desejo com o que lhe causa.

Um encontro amoroso e tempos sobre os quais se tem a impressão de que nunca é um bom tempo, não se tem a medida certa. Haverá sempre uma defasagem no tempo, que é lento ou rápido demais.

Basta amar para ser introduzido nesta radical discordância e não complementaridade. O amor é uma contingência e quando acontece retira os sujeitos da justeza e do tédio.

Peregrinações do amor

Uma desarmonia no tempo, no encontro e no desejo, isso é inerente à relação entre os sexos, que é regida pela disparidade e será sempre dissimétrica. Mesmo entre duas mulheres ou dois homens, não haverá uma medida comum, não serão equivalentes.

E quando essa disparidade pode ser sustentada, passa-se da posição de amante, daquele que o desejo desliza ao infinito e produz uma série de amantes, para a de amado, aquela que circunscreve, ao menos por um tempo, uma pequena lasca de seu desejo.

É dessa inadequação que pode surgir a significação do amor – uma interpretação sobre o que este “des-encontro” inadequado quer dizer. Ou

seja, é na ausência de equivalência entre o que se busca e o que se acha que se poderá passar do desejo para o amor – e isto é uma contingência.

Mas, deixar-se possuir pelo amor é o insuportável para alguns sujeitos. Pois, ser o amado implica em se oferecer como suporte ao amalgama que enlaça os amantes, para além do que se conhece, se explica ou se justifica; é suportar que o que se ama não é o sujeito amado, mas algo que ele porta inscrito em seu próprio corpo e que nem mesmo ele sabe o que é.

Esse é o mistério da significação do amor e revela todo o brilho do que instiga um desejo. Nosso personagem não sabia que nessa amante, subjazia velada uma dama branca para ele, e nem ela sabia que era ali, com aquele amante, que encontraria um homem que a deslocaria do lugar de insatisfeita.

Assim, por um imprevisto, irrompe de forma estrondosa o que era para ser calculado e enclausurado nos quartos de hotéis. Meros encontros com pequenas variações se descompassam, perturbam e assustam o homem e a mulher. E o que se pode produzir? Uma resposta válida onde não existe nada onde a razão possa se sustentar.

O fato de serem amantes há tanto tempo, de estarem cansados destes encontros repetitivos ou de estarem insatisfeitos com os parceiros escolhidos... Nada justifica o encontro imprevisto.

A bela paisagem da reserva indígena e o belo corpo de menina servem como anteparo e harmonizam. Mas, resta um além do belo.

“Escuta: por que a gente não vai embora daqui? [...] Do que você tem medo?” - pergunta-lhe a dama branca no hotel, após o passeio. “Eu pensei em outro tempo, em outro lugar e, sobretudo, em outra mulher. Não é medo, não. Eu acho que não daria certo, só isso. Eu me conheço”[10] – responde-lhe o homem.

Entre os traços que ainda faíscam de um outro tempo, um outro lugar e uma outra mulher e o inédito que tropeça, poderia advir uma nova significação para esse homem.

Mas, ele se recusa e insiste na repetição que visa ao rebaixamento do valor erótico do que roça o seu desejo.

Uma “dama branca” e, como tal, a mulher impossível. Ou, uma amante, um pedaço de corpo receptivo aos seus fluídos corpóreos, os únicos atributos que ele ousava designar a mulher. Não haveria outra significação possível?

O termo amante emoldura o que se vê, mas é apenas uma das variedades da representação, que será sempre parcial. Por isso, quando o olhar do homem captura, neste imprevisto, novamente algo que diz de seu encontro com o sexo, retira seu desejo da calmaria e lhe exige um mais além da representação que era dada: amante.

---

[10] AQUINO, M. Sete epitáfios para uma Dama Branca. In: *O Amor e outros objetos pontiagudos*. São Paulo: Editorial, 1999. p. 25.

Produz-se uma reviravolta em seu desejo, mas não o suficiente para uma mudança em sua posição subjetiva, por exemplo: tomar uma mulher para si, ao designar-lhe um outro lugar em seu psiquismo, que não somente objeto sexual.

"[...] Foi escolher o mau-me-quer
Entre o amor de uma mulher
E as certezas do caminho
Ele não pôde se entregar
E agora vai ter de pagar
Com o coração, olha lá
Ele não é feliz [...]" [11]

Ele não se dá à paixão. Não consegue ultrapassar o horror de não saber o que fazer com uma mulher para além da cama, e prefere retornar à sua peregrinação, ao invés de seguir firme em seu logro, seu engano com relação ao amor e à mulher. Não quer se comprometer, não quer ter seu nome vinculado a ela, ou melhor, não quer nem mesmo nomear-se como "o amante das damas brancas".

[11] CAMELO, M. Cara valente. Intérprete: Maria Rita. In: *Maria Rita.* Manaus: Warner Music Brasil Ltda, 2003. 1 CD. Faixa 6.

Ela não é como todas as mulheres amantes que fizeram série em sua vida. Inicialmente ele a diferencia das demais, mas assustado recua e iguala-a a tantas outras “perdidas” entre os lençóis.

E faz com ela o que fez com todas as “damas brancas”, coloca-a como inapreensível ou mortifica-a.

De todas as pessoas do sexo feminino, algumas são tomadas como amantes por ele e entre elas, algumas são nomeadas como “dama branca” – este é o caminho pelo qual desliza seu desejo. E foi, justamente aí, que surgiu algo privilegiado e que poderia ter estancado, por um tempo, o deslizamento ao infinito e inscrito algo de inédito nesta procura alienada e infinita. Mas, só lhe foi possível tomar como equivalentes todas as damas brancas e seguir no anonimato.

Ele é o amante e mantém-se nessa posição. Desejante, mas em sua restrita jaula. Ama uma mulher, uma amante ou uma “dama branca” sob condições bem precisas: para que ela seja sua é preciso que não a tenha; é preciso que ela seja de um outro e de preferência do “figurão” ou que esteja morta, para que lhe seja totalmente impossível.

Quando é aberta a via do desejo, este homem responde com a mortificação – “sete epitáfios”. Faz poesia sobre a dama viva como se tratasse de um morto e após a morte dela, um elogio fúnebre. Ela precisa estar morta. Só consegue fazer “epitáfios para uma dama branca”, este é o espaço limitado do desejo no qual ele pode circular.

Se com essa “dama branca” pensava em outro tempo, em outro lugar e em outra mulher – uma “dama branca” do passado e que também lhe foi inacessível - ao perdê-la uma nova mulher virá para que possa pensar em uma outra “dama branca” a quilômetros de distância. Assim, manterá seu amor, mas como impossível.

Segue em sua sina e clausura: esquecer uma mulher amada, uma “dama branca” por outra, numa pequena variante substitutiva. Preserva sua

E a “dama branca”? Por ser-lhe insuportável não saber o que em si atrai o sujeito amado, tenta reduzir o amor à satisfação sexual? Nisso é bem sucedida, ao menos, por certo tempo.

Ser a amante, a carne branca que satisfaz um homem lhe dá um lugar no desejo do outro e lhe nomeia. E isso faz série pelos diversos lugares em que o marido trabalhou, um amante em cada usina ou um desejo regulado pela criação imaginária, mas que dá uma identidade a essa mulher.

No entanto, um simples passeio pela reserva indígena e o pouso do olhar de um homem sobre seu corpo, a faz vacilar em seu intento. Recusa-se a repetir a série de encontros nos quartos de hotéis da cidade. Não mais compactua com o que fazia consistir essa relação, que cada um ficasse nos lugares designados até então: ele o amante, mãos enormes e grossas e ela a amante, a carne branca e esposa do figurão.

Um excedente sobrevém nesse passeio e ela não mais aceita a designação de amante e tampouco a de mulher honorífica, sem mácula, pura e cândida “dama branca”. Nem amante e nem “dama branca”. Nem um corpo que se presta à satisfação do homem e nem santa.

O que jaze aquém disso que ela lhe pede: encontros no hotel da cidade e ser a amante? O que ela é para além de amante e dama branca? Inicialmente, ser uma mulher é ser amante. É ser amante dos homens nas usinas, é ser o objeto que complementaria o homem, seja como amante ou como a mulher inacessível.

Ser amante era a sua resposta, assim formulada para fechar sua narrativa, uma tentativa de sossegar o desejo. Era a significação dada, até então.

Agora ela diz não. Mas, não consegue ser lúdica com essa nova nomeação: “dama branca”. Não consegue vestir a fantasia e tomar parte desta brincadeira, como fez com a de amante. Não deixa algo seguir como enganado e ao querer tudo iluminar, nada pôde ver.

Um descompasso e o que de inédito surge neste encontro imprevisto provoca uma dialética no desejo dessa mulher ao relançar-lhe a questão sobre seu modo de obter satisfação, e sua posição subjetiva em relação ao desejo do outro.

Mas, isto não foi o suficiente para uma reviravolta em seu desejo e escolhe mantê-lo insatisfeito. Ainda demanda a absolutização do amor, por não suportar a simples presença de desejo do homem e que ele detenha a chave de seu segredo: o que nela o atrai.

Nem objeto amante e nem objeto “dama branca” para a fantasia desse homem. Quer que ele diga o que há para, além disto, que reluz nela, que o instiga e a faz ser desejável.

Ele se satisfaz com o que nela roça seu desejo, mas não com ela. Obtém prazer sexual, porém não ousa tomá-la como sua. Ele não quer ir embora dali, sair de sua clausura e ela, por sua vez, faz dessa negativa sua tragédia funesta. Apela para o horror e piedade ao tatuar no corpo a

marca do que se rasga de seu pedido de amor incondicional: corta os pulsos.

Retira-se de cena diante da recusa do homem e será no corpo que localizará seu lirismo amoroso, sua exaltação desse acontecimento. Faz do amor um drama. Eis sua tentativa de eternizar-se como mulher para esse homem, uma saída derrisória; um corpo entrecortado, literalmente, pelo desejo do amante que lhe atravessa a carne.

Amar não é algo que se escolhe, mas é algo que se é tomado, por

gozo para se ganhar em desejo. Mas, ambos não consentem nessa possibilidade.

“Se nada acontece como estava previsto é porque, pelo contrário, as coisas caminham bem”[13]. No entanto, estes personagens não suportam o tropeço, a falha da repetição que desarticulou e não mais amarrou seus nós como fazia. E quando convocados para darem um novo contorno a esta geografia eles dizem não, no lugar de uma invenção.

Nem a memória e nem as fotografias dão conta deste encontro inesperado com o amor, embora assim o queira nosso personagem masculino, que as guarda como recordação. E se amar é um acontecimento, um ato bem-sucedido, é preciso estar à sua altura, pois o amor é uma contingência.

Eis um amante e uma “dama branca” - um encontro lírico e um amor lúbrico, mas transformado em fluídos corpóreos ressecados nos l3.50428( ) (a)7.

Todo Sentimento[14]

"Preciso não dormir, até se consumar
o tempo, da gente.

Preciso conduzir
um tempo de te amar
te amando devagar e urgentemente.

Pretendo descobrir, no último momento
um tempo que refaz o que desfez
que recolhe todo sentimento
que bota no corpo uma outra vez.

Prometo te querer, até o amor cair
doente, doente.

Prefiro, então, partir
a tempo de poder
a gente se desvencilhar da gente.

Depois de te perder
te encontro com certeza
talvez, num tempo da delicadeza
onde não diremos nada, nada aconteceu,
apenas, seguirei
como encantado ao lado teu".

[14] BASTOS, C.; HOLANDA, C. B. Todo Sentimento. Intérprete: Chico Buarque de Holanda. In: *Focus. O essencial de Chico Buarque.* Zona Franca de Manaus: BMG Brasil, 1999. 1 CD. Faixa 12.

AMORES INSTANTÂNEOS

"[...] eu com pressa

de achar o lugar

e a fórmula."[15]

Amor fluido

Amores fugazes, líquidos, instantâneos, efêmeros, relações de bolso – novas nomeações para o amor, novos modos de evitar o encontro com o imprevisto, ou novas possibilidades para as relações amorosas no mundo contemporâneo?

Um amor passageiro, transitório, de pequena duração. Um amor que fenece no próprio dia em que surge e "que não ousa dizer o seu nome"[16].

Relações amorosas mais frágeis e mais precárias, sobretudo em relação à sua durabilidade, mas que se baseiam na afetividade, na reconciliação inédita com os princípios humanistas e que demonstram uma insistência em uniões mais estáveis, no retorno da fidelidade e que não fazem uma apologia poética aos amores casuais, à orgia ou ao swing generalizado.

Eis o amor em nosso tempo. Tempo marcado pela precariedade, pelo efêmero e pelo excesso de sensações que nos invadem

[15] RIMBAUD, A. Vagabundos. *Iluminuras – palavras coloridas*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 51.

repentinamente e a todo instante, que nos causa aflição, desorientação, o que nos leva, algumas vezes, a sair de modo errante para escapar desse excesso e, em outras, a achar uma fórmula, um lugar para esta intensidade.

A internet - sites de relacionamento, salas de bate papo, orkut[17] – as novas comunidades virtuais, quando não têm o efeito de standardização, ou seja, quando não torna todos uma única massa, têm se mostrado como lugares, onde se pode conhecer pessoas, fazer amizades, trocar informações, escrever e, até mesmo, encontrar um amor.

São lugares fluidos que não fixam o espaço e nem prendem o tempo, o que permite uma fácil e rápida mobilidade – marca característica de nossa época - e faz com que não nos fixemos a um ideal só por sua durabilidade temporal. Espaços que são ocupados apenas por um momento, mas esses breves instantes permitem o entrelaçamento do individual com o coletivo e que algo de novo seja tecido.

Novos pontos de encontro e novas estratégias que se fazem necessárias; reinvenções de laços, inclusive amorosos, pois não temos mais uma verdade ou um modo de amar universal como tínhamos, por exemplo, com o amor romântico e a garantia de durabilidade associada a ele.

---

[16] CASTRO, S. *Nomes do amor*. Boletim n. 1 do XVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano – Disponível em:<www.ebp.org>. Acesso em: 16 de junho de 2006.

[17] *Orkut* é o nome de um site criado em 2004 e que leva o nome de seu inventor, Orkut Buyukkokten. (nota da autora).

São lugares onde os sujeitos têm se alojado para encontrar seu próprio traçado sobre o amor, diferente da autoridade parental, do discurso familiar e onde podem ser interrogados e responsabilizados por seus modos particulares de obter satisfação e amar. Permitem, também, conectarem-se a um outro, mesmo que seja para "se desintegrarem no próximo momento"[18].

Esta é uma novidade e não se tem a exigência do engajamento mútuo, o que permite aos parceiros saírem de seus enjaulamentos, pois são avessos ao "um por todos e todos por um".

Rompe-se, assim, o paradigma inicial de que essas diversas comunidades e listas criadas permitiriam a comunicação de todos com todos, o ato sexual de todos com todos, a "suruba" como prevalente. Não é o que ocorre.

São espaços fluidos onde se toma a palavra e permitem invenções linguageiras, maneiras de falar que abrigam um modo de obter satisfação, o excesso e o intensivo, que podem aí, serem ditos desembaraçadamente e estancarem, ao menos por um breve ou fugaz tempo, a busca ávida e sem fim por sexo e amor, por exemplo - o que pode fazer com que o agir venha acompanhado de um texto. Ele pode se tornar um ato inédito, que comporta o sujeito e a palavra.

---

[18] Trecho da música Tribalistas de ANTUNES, A.; BROWN, C.; MONTE, M. *Tribalistas.* Rio de Janeiro: Monte Criação e Produção Ltda, 2002. 1 CD.

Variações, formas mutantes e plurais. Estratégias para a construção de novas relações sexuais e, inclusive, de novos laços amorosos que não se deixam capturar pelos ideais, pelos modos sociais estabelecidos, programados e cristalizadores. Esta é uma via possível para dar nome a um amor, escrito de próprio punho.

São os “ficantes”, “namoridos”, “histórinhas”, companheiros, etc., que não substituem simplesmente os termos namorado e marido na cultura, mas inventam outra solução para o problema sexual ou para a condição humana e suas parcerias – questões colocadas a todos os sujeitos, desde que o homem civilizou-se.

Posições subjetivas possíveis e múltiplas para aceder e se responsabilizar pelo próprio gozo, sem a necessidade de indexá-lo a uma universal, ou a estigmas, pois o gozo é soberano.

Possibilidades fluidas e/ou fugazes, mas estratégias que funcionam, muitas vezes, como uma justa medida para não se cair na promiscuidade do mundo denominado hipermoderno[19].

Eis uma nova invenção para se conjugar o sexo ao amor. Redes sociais e amorosas que ofertam um dialeto, um sentido, um saber, mesmo

[19] Uma das críticas que os estudiosos, como por exemplo, Gilles Lipovetsky fazem da época denominada hipermoderna, marcada pelo declínio das grandes estruturas tradicionais de sentido, é a tirania do prazer, do totalitarismo mercantil. (nota da autora).

que de modo rudimentar, para que um sujeito possa ali achar sua própria fórmula[20] ou algo no que se enganchar.

E, de fato, é preciso um lugar para dizer o que se vive no corpo e de forma demasiada, caso contrário, resta o silêncio, a fuga, a saída de cena ou tornar-se máquina, com a promessa de que poderá ser reparado e reprogramado um dia.

Mas, que estas novas figuras não sejam mais um artefato e mais um representante social que cede em seu desejo ao modulá-lo a novas ideologias e imperativos, como por exemplo, “orgasmos sempre!”, múltiplos, e de preferência, simultâneos entre os parceiros. Que não recrudesçam um supereu mais severo e que a instantâneidade não seja o novo ideal.

Estes lugares mais fluidos podem vir a serem espaços onde a palavra é substituída pelo fazer e a vida pode tornar-se, apenas, meros momentos agregados. É o risco e, como conseqüência, teríamos mais e mais errâncias ou o individualismo de massa como tentativas de subjetivar e tratar o que é intenso e excessivo.

---

[20] Lacadee, nesta conferência, trabalha a questão da errância entre os jovens como tentativa de acharem uma língua, para que possam achar sua própria fórmula aos se desprenderem do discurso que seus pais tinham sobre eles. (LACADEE, P. Fuga e errância na clínica com adolescentes. *Carta de São Paulo – Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise – São Paulo.* São Paulo: EBP - SP, Ano XIII, nº 2, nov/ 2006.

Da fragilidade ao consumo do amor

Se diante da queda dos ideais parentais e das grandes ideologias as comunidades virtuais, o *orkut* e os *sites* de relacionamento surgem como possibilidades de agrupamento social e de modo fluido, estes têm sido, também, alguns dos lugares para se ficar invisível, evitar o corpo a corpo com o outro ou para estabelecer uma relação só no plano da imagem, ou seja, a imagem se torna realidade.

Além do mais, a *internet* pode ser o lugar onde a palavra é retirada e, em troca, recebe-se o objeto de satisfação. Ela pode ser a máquina que fabricará o amor, por exemplo, como mais um objeto de consumo.

Este pode ser um dos problemas, pois o mundo contemporâneo criou uma lista de compras e nela está incluído o amor e o sexo como bens de consumo. E muitos vão às compras com a finalidade de extrair o máximo de satisfação e rapidamente. A *internet* pode ser o *shopping center* para essas compras amorosas e sexuais e os *sites* de relacionamento, *orkut* e salas de bate papo suas lojas.

Têm-se aí, a oferta de inúmeros objetos de amor produzidos maciçamente e que podem ser digeridos em alta velocidade, o que é mais indicado, pois isso aumenta o consumo e como conseqüência, reduz os custos e nos permite ter acesso a novas ofertas.

Vive-se a sensualização do instante e a busca frenética, dada a intolerância ao vazio. Caso caia a conexão, não haverá perdas ou danos e

muito menos sofrimento, pois a quantidade de exemplares disponível é enorme.

Esgotado o prazo de validade de cada amor, de cada caso, de cada suposto namoro, pode surgir um novo tempo de angústia. Mas, um tempo instantâneo que tem a duração de alguns minutos, algumas horas e não mais que um dia, já que um novo amor está ali para ser consumido e a angústia desaparece.

O amor como mais um objeto de consumo silencia e "encapsula a incerteza aflitiva e alarmante que se tornou a principal ruína da líquida vida moderna"[21]. Se antes o ideal servia como rumo ao dar forma ao disforme, à precariedade, à instabilidade e à vulnerabilidade da vida sexual e amorosa; se ele mascarava o desencontro entre os sexos, no século XXI, são os objetos oferecidos que vêm recobri-lo rapidamente.

É o tempo do *speed,* das intensidades aceleradas e não se tem o tempo da estranheza do encontro, da timidez, do palpitar ansioso da espera; não se tem tempo de dar consistência à angústia – "há falta da falta".

Deste modo, o objeto-amor faz sua ascensão ao topo social. E a *internet*, o hipermercado do amor, é um lugar onde se terá acesso a este objeto e onde o impossível pode ser rechaçado, sem incômodo algum, pois seria problemático termos uma excitação que nos contrariaria. Correríamos

[21] BAUMANN, Z. *Amor Líquido.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 69.

o risco de perder nossa liberdade e nos tornarmos anormais por não resistir a esta excitação.

Por esta via, temos como conseqüência a degradação da subjetividade e a bastardia da palavra, que perde seu valor e não mais ressoa. A língua para estes sujeitos, muitas vezes perde o pudor e é apenas tagarelice; o que dizem não lhes causa estranheza e torna-se um enunciado sem enunciação. Assim, os sujeitos são objetos dispersos e não instituem uma experiência subjetiva, são variações genéricas, ficções.

Bem, estamos na "era do homem sem qualidades"[22] e o que importa é a quantidade e o consumo, é fazer parte da lista dos que usam, por exemplo, *Nike* mesmo que falsificado ou dos que têm um amor, mesmo que este seja uma cópia barata do original.

E mais, esses objetos compráveis não são únicos e nem excludentes, podem ser consumidos ao mesmo tempo. São fúteis e têm nomes de grifes: Tom Cruise, Brad Pitt, Zulu, Madonna, Gisele Büchen ao gosto do freguês. Pseudônimos de homens e mulheres que estão na crista da onda e, ao menos no nome, resta-lhes algo do ideal a ser consumido, embora sejam muitas vezes "*made in* China"[23].

---

[22] Jacques-Alain Miller extrai o título de seu texto a partir do romance de Robert Musil: *O homem sem qualidades*. (MILLER, J.-A. A era do homem sem qualidades. In: *Opção Lacaniana – on line.* n. 3. Disponível em: <www.ebp.org>.

[23] Expressão popular que faz referência aos produtos falsificados ou cópias muito ruins. (nota da autora).

O próprio desejo passou a ser um objeto. Aliás, o único objeto constante a ser consumido, só é preciso estar conectado. E, deste modo não se é privado e nem excluído. Adquire-se uma identidade, ou seja, as pessoas tornam-se idênticas e, assim, podem comprar e intercambiar estes utensílios: amor e sexo. Elas podem ser contadas entre as que têm encontros amorosos, as que têm relacionamentos, como as que não estão sozinhas. Escondem-se as aflições e confina-se a singularidade ao silêncio.

Mas, apesar de ser farta e variada a prateleira de homens e mulheres disponíveis; apesar de ser extasiante a possibilidade de múltiplas escolhas, há algo que tem ocorrido com freqüência nestas "conexões"[24] realizadas: há um enxame de pessoas-objetos agregados, conectados e que mesmo assim se mantêm à margem, separados e desligados. Muitos destes homens e mulheres só são consumidos virtualmente e, em alguns casos, somente na fantasia de cada um.

É devido à profusão de ofertas que exauri rapidamente o prazer, ou podemos pensar que ainda resta algo ressoando sobre a impossibilidade da relação sexual, e por isso não se consome? Ou seria apenas um artifício para evitar o encontro com o real do sexo, pois este encontro é da ordem do insuportável?

---

[24] Conexões é um termo preferido pela geração adepta dos amores virtuais, ao invés de "relacionamento", segundo Zygmunt Bauman. (BAUMANN, Z. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 12).

Vemos muitos sujeitos desligados, que se satisfazem consigo próprio e parceiros de si mesmo, de seus gozos particulares ou, quando muito, parceiros deste objeto a ser consumido.

São sujeitos que sozinhos se “auto bastam” e no máximo participam das maratonas virtuais de masturbação coletiva, para se autopropiciarem a satisfação. Além de não faltarem apetrechos e engenhocas que se oferecem ao consumo, ao prazer solitário e imediato. Temos estimuladores clitorianos em formato de caneta esferográfica que até pode ser usado para a escrita; vibradores de uso diário; parceiros infláveis, entre outros. Ou seja, para não se correr o risco da decepção, da espera, dos contratempos que todo envolvimento amoroso ou sexual pode possibilitar, tem-se o prazer ao alcance das mãos ou dos botões, o que dá mais autonomia e liberdade de escolha e é de extrema solidão.

Temos, de modo explícito, a colocação em cena da descrença total do ideal romântico que de dois não se faz um - isto é o impossível. E frente a ele, muitas vezes, recusa-se o amor, o que poderia ser uma resposta a esse impossível e uma mediação a não existência da relação sexual.

Mas, para o sujeito contemporâneo, este é um problema descartado, assim como o objeto a ser consumido. Se este causar incômodo, equívocos ou ambigüidades é deletado imediatamente.

No entanto, ao mesmo tempo em que o sujeito consome é consumido, devorado por esses objetos que lhe invade a vida as vinte e quatro horas do dia. E por mais veloz que se tente ser, o objeto é

inapreensível, perecível. Transformam-se em corpos embalados pelo produto e assim, tornam-se corpos autômatos.

Os sujeitos saem desesperadamente e, em alta velocidade, são compelidos a amar, a “ficar”, mas instantaneamente, por não conseguirem traduzir em palavras o que lhes invade o corpo nas conexões com o outro sexo. Neste breve instante de suposto clímax o que advém é, justamente, o estranhamento com relação à sexualidade, a fragmentação do próprio corpo e de maneira mais acentuada e devastadora.

Ao invés do alívio, a vida vira um inferno, pois sempre resta algo que, incessantemente, não cessa de não se inscrever. E nesse sentido, é preciso pressa.

É preciso pressa para colocar antecipadamente e de modo afirmativo uma certeza, e esta requer a presença de um sujeito em cena – o que o retira da indeterminação, da lista de mais um consumidor ou objeto consumível.

É preciso pressa, pois não há certeza senão por meio do ato mesmo. É preciso pressa do primeiro passo, a pressa do ato.

No meio do caminho – uma possibilidade

Amores instantâneos, efêmeros, frágeis, líquidos... Algo de novo. As relações amorosas entre parceiros do mesmo sexo ou não, sempre exigem uma invenção.

Sandra Werneck nos faz acompanhar em seu filme “Amores possíveis – só o coração pode entender”, o personagem Carlos Eduardo em três possibilidades que inventa para amar, o que exige de seus parceiros, suas condições e conseqüências que dá às contingências que surgem no encontro.[25]

O que Carlos Eduardo pôde inventar após um imprevisto? Júlia, por quem era apaixonado, não vai ao cinema – primeiro imprevisto. Após 15 anos, um novo encontro, um novo imprevisto.

Esta é a cena inicial, mas as condições e as exigências em relação ao encontro com o outro são diferentes, são várias as possibilidades. Então, tomemos uma delas.

Quinze anos se passam e vemos um homem do mundo contemporâneo, que tenta separar a atividade sexual do amor, já que a virgindade feminina perdeu seu valor e a igualdade entre os sexos está posta - ambos têm direitos iguais. Carlos Eduardo tenta “bravamente” não fazer laço no encontro com o outro sexo.

---

[25] *Amores possíveis – só o coração pode entender*. Direção de Sandra Werneck. São Paulo: Cineluz Produções, 2000. DVD.

Os amores são instantâneos. Encontros após as baladas com mulheres que não sabe o nome e nem como vieram parar em sua cama. Tem uma lista delas e inúmeras justificativas para não as amar: “umas falam demais, outras de menos; umas são meio esquisitas, gostam de filme iraniano; outras são muito programadas, não sabem ficar paradas...”

Mas, tenta buscar em sucessivas e desastrosas experiências amorosas instantâneas a mulher ideal, já que nem sua mãe o é, pois ela tem um problema intransponível: não dorme com ele, está interditada para o sexo. E, enquanto a mulher ideal não chega, mantêm um acordo com sua mãe: ela lhe protege das mulheres, do desencontro inerente na relação entre os sexos e ele lhe faz companhia. Oferece-se ao amor sem surpresas – a monótona previsibilidade.

Estes amores fugazes e a companhia de mamãe produzem um cansaço, não bastam. E Carlos Eduardo, um moço do mundo que tudo promete - “sua satisfação plena e imediata ou seu dinheiro de volta”, a ele recorre.

“Fale seu desejo que lhe atenderemos” é a versão moderna da lâmpada maravilhosa; descreva sua alma gêmea e o computador da agência de encontros entregar-lhe-á. É simples e com certificado de garantia. Se não existe mais a mulher ideal a procurar, o mercado irá fabricá-la e a colocará à venda. E se o produto não estiver à altura das exigências; se o prazer obtido não corresponder ao almejado e

propagandeado, pode devolver, descartar, divorciar-se do produto - assim reza o direito do consumidor.

Bem, Carlos Eduardo descreve sua Mulher: “uma mulher independente, mas absolutamente ligada ao parceiro; que não seja submissa, mas que saiba que seu papel no mundo é fazê-lo feliz; intelectual não, culta, refinada, que goste de poesia, jazz, cinema e de preferência Woody Allen e Truffaut. Quanto ao físico, não é muito exigente – que tenha apenas uma barriguinha para descansar sua cabeça. Ah, que goste de uma sacanagem, pois não gosta de mulher pudica. Ou seja, é muito tolerante em relação ao outro”[26]. Só quer adquirir sua mulher ideal e, assim, conhecerá a paz.

Entregam-lhe o localizador de alma gêmea, muito rápido e eficaz. Em menos de 48 horas tem o mapa para encontrar seu tesouro e encontra. Encontra o que era da ordem do impossível acontecer: Júlia, sua paixão de quinze anos atrás.

De sua mulher ideal Júlia não tem nada. Surpreende-o a todo instante: inventa sempre novas formas de enlaçar os dois sexos; apanha-o no trabalho e o leva para um jantar bem diferente... Atrapalha-se inteira com o que chama de “intimidade na relação amorosa”, o ponto perigoso das relações, pois quanto mais próximo do outro, mais o outro é radicalmente outro. O laço entre os sujeitos é o que precisa ser inventado.

---

[26] Trecho retirado da fala do personagem no filme *Amores possíveis – só o coração pode entender*. Direção de Sandra Werneck. São Paulo: Cineluz Produções, 2000. DVD.

É criativa e inusitada nos preparativos e no próprio encontro, mas como estender esta criatividade ou dar-lhe plasticidade no cotidiano e sem a necessidade de provas de amor? Ela ainda não consegue. Chega bêbada e muito atrasada no primeiro jantar com a sogra.

Em definitivo, não é a mulher ideal. Carlos Eduardo achou que ia conhecer a paz, a certeza do amor incondicional, a afinidade espontânea e o que encontrou foi perda do sono, a marca da erotização da sexualidade feminina. Deve ter respondido errado ao questionário da agência ou foi um erro de programação do computador, pois sua exigência à parceira era que esta tivesse ao menos um pequeno detalhe, um fetiche que circunscrevesse, limitasse e localizasse seu modo de obter satisfação e silenciosamente – são estas as imposições ao parceiro-sintoma do homem.

Do lado da mulher, sua exigência ao parceiro é que a ame; sua demanda de amor é infinita e absoluta, como tentativa de se ver enquanto “toda” e se tornarem uma só pessoa, ela e o parceiro. Neste sentido, seu modo de obter satisfação toma a forma erotomaníaca, em que é preciso sempre mais e mais, situações e posições inéditas nos encontros, na cama... Assim, supõe que completará o parceiro e será amada. Assim, torna o amor uma performance e é preciso que ele a faça escutar seu amor por ela. É o que se impõe ao parceiro-sintoma da mulher.

Bem, o amor entre Júlia e Carlos Eduardo foi um erro de programação ou de fato, “o afeto não chega ao lugar esperado”[27]?

Nova programação, agora correta – o computador havia se equivocado. Um novo mapa rumo à mulher montada pela máquina. Ela era uma mulher linda, de salto alto e fino; cabelos bem penteados; corpo esbelto... A mulher que está nas capas das melhores revistas masculinas, o padrão de mulher como bem de consumo a ser adquirido e usufruído. É a lógica do mundo contemporâneo que se impõe, entrega-se o objeto e silencia-se a subjetividade humana.

Carlos Eduardo passa, dá uma olhada e vai-se embora. Se os amores instantâneos correspondiam à sua condição de amor, se existiam em função de evitar a desarmonia inerente ao homem e à mulher; se eles mantinham e não comprometiam o acordo com sua mãe, o encontro com Júlia introduz um novo elemento, heterogêneo e contingencial, que atormenta e parece não fazer série.

Júlia não se encaixa e não corresponde tão bem. Há algo nela que desaloja o sujeito de seu lugar, que o desperta e convida-o a tecer o que lhe excede no caminho, algo de seu “desejo afiado feito lasca de osso”[28] - desejo errático e sem lei.

Este elemento contingencial impõe um limite, que é ir além dele, e para isso é preciso esculpir este osso ou continuar aquém, enquadrado em

---

[27] “[...] O afeto, digo, por não encontrar alojamento, pelo menos não alojamento a seu gosto [...]” (LACAN, J. *Televisão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 46).

[28]CUNNINGHAM, M. *As horas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.116.

seu modo habitual: sepultado sob sua mulher ideal e sob o acordo feito com mamãe.

Há um impossível no meio do caminho contra o qual nada se pode fazer. Resta, então, recuar aos amores instantâneos, as fugas, as errâncias, ao imperativo do orgasmo perfeito, ou inventar uma nova articulação, um novo laço sexual e amoroso.

Ele envia um novo ingresso para o cinema. Não recua. Chega mais perto do fato bruto, deste traço de sua própria natureza, mas que é absolutamente estranho a si mesmo para, a partir daí, poder ir além, além de Júlia ser ou não a mulher ideal, ou o computador da agência acertar ou não a programação.

Carlos Eduardo arrisca coser em sua relação com Júlia esta marca de diferença que lhe acossa e que, até então, quando dava pequenos sinais de sua existência era evitada, apagada e mortificada em seus contratos de amor. Contratos embaraçados ao seu ideal de mulher e amor: “até que a morte nos separe”, ou instantâneos: “enquanto durar a satisfação”.

Ele não desperdiça esta contingência, toma como parceiro o que lhe é estranho e coloca-se no trabalho de inventar uma nova condição para amar, inclusive sua mãe.

“Amores são contratos feitos com o tempo”, com o tempo do desejo. Contratos feitos com o “desejo afiado feito lasca de osso”, que arranha,

risca e escreve interpondo-se sobre o impossível. Amores são sempre possíveis. Laços entre os sexos, também.

Talvez, Carlos Eduardo não tenha encontrado a paz no sentido religioso, mas ao menos, encontrou ecos do desejo e justamente, no que lhe era mais adverso.

O amor é da ordem de uma contingência e é o único meio de estabelecer uma mediação, uma relação entre esses “uns” tão dispersos e disjuntos do contemporâneo. É o que pode fazer signo para a relação entre um e outro. E o que pode vir como um véu para que o sujeito não caia na posição de lixo, dada à fragilidade e precariedade da vida humana.

Amor[29]

“Leve como leve pluma
Muito leve leve pousa
Na simples e suave coisa
Suave coisa nenhuma

sombra silêncio ou espuma
nuvem azul que arrefece

simples e suave coisa
suave coisa nenhuma
que em mim amadurece

[29] RICARDO, J.; APOLINÁRIO, J. Amor. In: *Juntos – Ney Matogrosso e Secos & Molhados.* Intérprete: Ney Matogrosso e Secos & Molhados. Manaus: Warner Music Brasil Ltda, 2000. 1 CD. Faixa 7.

QUANDO AMAR É INFERNAL

"Para compreender, destruí-me.

Compreender é esquecer

de amar"[30]

Exercícios de ser amante[31]

Um amor que sem pedir licença, chega e se instala entre dois inocentes, dois tolos do não sentido. Um encontro sem os ditames da razão, mas que condensa em um breve instante passado, presente e futuro, ideais perdidos e almejados. O estranho que parece tão familiar.

"Quem é esse homem tão lindo, que vem andando em minha direção, olhando-me e sorrindo como se já me conhecesse? Mas, ele não me conhece e eu não o conheço. No entanto, ele é alguém que eu já vi, quando eu pensava que queria ver alguém que eu não conhecesse, mas que fosse tão lindo como ele, que vem andando em minha direção, me olhando e sorrindo, como se eu já o conhecesse"[32].

"A primeira vez que eu te vi foi em uma festa, você nem sabia que eu estava lá. Antes de te ver eu vi os teus cabelos. Você virou o rosto rindo

---

[30] PESSOA, F. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 81.
[31]

para outra pessoa. Você não me viu, mas eu vi o teu rosto. Aí, eu não vi mais ninguém. Parecia que eu via, em um segundo, tudo que nós íamos viver no futuro. A sensação é que eu me lembrava de tudo que ia nos acontecer”[33].

É ele. É ela. Uma certeza antecipada.

Um pequeno movimento de corpo, um detalhe no olhar, o mexer dos lábios, um sorriso, o esvoaçar dos cabelos... cativa, apaixona e ela e ele são escolhidos.

Puro romantismo deste casal? Idealizações? Ele e ela encarnam a perfeição de homem e de mulher almejados? Compreensão e interpretação pela vestimenta do amor romântico? Que sejam estes os motivos! Mas, isto só se sustenta por um tempo.

Um encontro contingencial e é, justamente, por ele ter acontecido que se pode colocar em questão estes ideais, que tanto regem a vida e as escolhas dessas pessoas. E se há um júbilo, um encantamento e uma certeza inicial, isso cai. É inevitável. E o que fazer?

Estes sujeitos faziam “peraltagens com as palavras”[34] de amor. Elas tinham o poder de fazer das pedras estrelas, após um beijo; faziam ouvir aplausos durante o ato sexual... Elas tinham o poder de fazer existir uma relação entre dois seres diferentes e delicadamente desnecessários.

---

[33] Fala do personagem masculino no filme *Eu sei que vou te amar*. Direção de Arnaldo Jabor. São Paulo: Versátil Home Vídeo, 2006. DVD.

[34] BARROS, M. O menino que carregava água na peneira. *Exercícios de ser criança*. São Paulo: Salamandra, 1999.

Eram palavras de amor, palavras deliciosamente articuladas que expressavam algo sobre ele, sobre ela - um acontecimento - e tornava-os mais belos e encantadores.

Declarações de amor, galanteios, palavras risíveis e estridências de sons inarticulados. Tentativas de expressar no dizer o que se sentia, o que se pensava, o que se queria dizer - “palavras esdrúxulas, como os sentimentos esdrúxulos, são naturalmente ridículas”[35].

Juras de amor que tinham o poder e serviam de pouso e abrigo para este casal. Parceiros pela fala, pelas palavras que eram dirigidas ao outro e ali encontravam uma resposta. Mas, o que fazer quando não se crê mais nestas juras; quando não se ouve do outro as respostas requeridas?

Língua de palmo[36]

Nosso casal já não crê nas histórias de amor e em seus clichês. Tornou-se ridículo dizer o que se sente num pequeno toque ou que a presença do outro os fazem nervosos, ansiosos, temerosos e dá, até mesmo, um terror.

O amor passa a urrar e esbravejar palavras de ordem, de verdade, que rompem o engodo, que denunciam a mentira do amor – o que não quer dizer que o amor não seja verdadeiro, mas ele mente, cria fábulas, ficções, enganos.

O amor escapou da regra, do aviso e da ordem. Ela é uma mulher fora de qualquer definição e ele, um homem atordoado que quer saber: "O que essa mulher tem que as outras não têm?"[37]

Tentam buscar no "jogo da verdade" e pela via da comunicação as respostas e um novo ordenamento. Pretendem assim, a relação amorosa sem equívocos e é, justamente, aí que corroem, arruinam e deterioram o que havia de amor.

"Colocar tudo em pratos limpos", foi a tentativa inicial desse casal.

---

[36] "Língua de palmo: língua afiada; língua comprida; língua do mexerico, do indiscreto, o mal-dizente". (FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1035).

[37] Fala do personagem masculino no filme *Eu sei que vou te amar*. Direção de Arnaldo Jabor. São Paulo: Versátil Home Vídeo, 2006. DVD.

Almejavam a hora da revelação da verdade, cuja intenção velada, na maioria das vezes, é dizer ao outro no que ele foi falho - as eternas acusações entre os amantes.

Deste modo, temos a fala sempre queixosa da mulher insatisfeita com o que é dito. E a do homem que, por sua vez, sempre diz que não há mais nada a dizer ou acrescentar; o que queria dizer foi dito.

Mas, conversar, discutir a relação é uma estratégia inventada nos últimos tempos pelos casais. Embora também seja uma saída para manter o cenário de ficção ou para um ajuste de contas. Muitas vezes, serve de palco para apontar as mazelas do outro, para dizer-lhe onde ele foi incompetente, ineficaz e, assim, quem acusa sai como um grande vencedor.

Este casal tenta fazer a revisão do que se passou e se passa entre eles; pretendem desfazer as mentiras, as crenças e os engodos inerentes ao amor.

No entanto, dizer não é o mesmo que tudo dizer. Não é possível o “jogo da verdade”; não há uma verdade que diga sobre o verdadeiro motivo que os fez amar um e outro, ao menos como pretendem os personagens. Nada de verdadeiro pode ser dito sobre esses reais motivos, só é possível deduzir das diversas palavras uma verdade – uma verdade que é lógica, “porque era ela, porque era ele”.

As erosões no amor e na semântica de suas palavras são inevitáveis. Seja na eterna tagarelice dos amantes, com suas falas vazias e

desinteressantes que carcomem o amor - são tentativas de instituir alguém a quem se ligar, e assim fazer existir um mínimo de elo entre essas duas pessoas. O eterno bláblablá. “Como posso viver sem você? Ele não agüenta ser amado.”[38]

Ou, a corrosão inevitável que se dá pela busca de uma palavra plena que reordene uma relação, que dê sentido ao amor que se passa entre os amantes. Por exemplo: “Você é minha mulher e você é meu homem”.

Mas, se essa fala designa a dita mulher como uma que é o objeto de amor e vice-versa com relação ao dito homem, não quer dizer, necessariamente, que essa mulher e esse homem, objetos de amor, sejam os cônjuges, sejam a esposa e o marido, respectivamente.

O objeto de amor nem sempre coincide com os parceiros do matrimônio legalizado ou institucionalizado. E mesmo que haja um certo forçamento para essa coincidência: “Deve haver a possibilidade de um ser humano escutar o outro um dia; Você nunca me compreendeu; Eu nunca consegui passar o que eu sinto por você; Você não diz o que sente; Você não se entrega nunca; Vamos dizer o que um sente pelo outro...”[39]. Vamos tudo dizer, tudo compreender... Mesmo, assim, o que se constitui é um tribunal de inquisições e joga-se o amor na fogueira do inferno.

---

[38] Fala dos personagens do filme *Eu sei que vou te amar*. Direção de Arnaldo Jabor. São Paulo: Versátil Home Vídeo, 2006. DVD.

[39] Fala dos personagens do filme *Eu sei que vou te amar*. Direção de Arnaldo Jabor. São Paulo: Versátil Home Vídeo, 2006. DVD.

São os ditames da palavra, o que os leva à ditadura da relação amorosa, ao modo politicamente correto de amar e de se posicionar diante do amor do outro. Acabam, por fim, nas posições tão comuns dos casais: o homem em seu lugar de macho que faz da donzela sua presa, seu objeto de satisfação e ela, por sua vez, a pobre coitada, vítima e insatisfeita de sempre.

Para o nosso personagem, se falhou, foi no excesso de amor, de cuidado, de bondade para com ela. E é lógico que ela não estava à altura. Ela, por sua vez, na discussão da relação tenta atingi-lo em seu “ser de macho”: ele não lhe dava mais prazer e nem orgasmos múltiplos, falhou enquanto homem.

Um casal bem moderno, mas que se utiliza de saídas típicas quando amar se torna infernal. Optam, inicialmente, por múltiplas aventuras extraconjugais, para se salvarem do aprisionamento um do outro e, por fim, tentam discutir a relação. Mas, tanto por uma via, quanto pela outra, não saberão os motivos de suas escolhas amorosas, não obterão um sentido.

Mas, digam. Pois, isso que lhes anima a fala e insiste fará a invenção de uma palavra que lhes particularize e que terá a significação plena – plena de equívocos. Ou seja, o abismo dessa conversação, deste canto a duas vozes será revelado. Ela e ele estão “disjuntinhos” e bem desafinados.

Pois, já há de saída um mal entendido: “a verdade de um homem é diferente da verdade de uma mulher” -, nossos personagens enunciam

essa diferença radical. O amor, as explicações sobre ele e as escolhas dos parceiros percorrem caminhos muito diferentes, tanto para um quanto para o outro.

E estas palavras atropeladas, confusas, mal entendidas, gritadas, berradas e que pulam da boca dos casais, são conversa fiada, tagarelices? Apenas enxurrada de palavras? Ou palavras feitas do acúmulo de aluviões? Invenções linguageiras feitas dos equívocos, já que a comunicação será sempre malograda?

Se a erosão carcome e corrói pouco a pouco as palavras de amor ditas por este casal; se a erosão faz seu trabalho, ela também deposita traços, pequenas marcas, modos particulares de se obter satisfações que se formam nas margens do dito – palavras novas e singulares das quais podem se encharcar para amar novamente.

A poetagem da palavra pode fazer com que maridos, esposas, amantes coincidam com os verdadeiros parceiros do amor de cada um. Esta é uma possibilidade.

Os verdadeiros parceiros

“O que ela tem que as outras mulheres não têm”? Quem é essa “menininha” que o faz gozar tantas vezes e lhe dá tanto prazer? O que ela era ou é?

Ela era a “mulher dele”, um bom exemplo de palavra plena como ele sempre almejou. “Eu queria dizer uma palavra e atingir a significação plena, ser entendido. Deve haver uma palavra que, uma vez dita, muda o mundo. [...] Eu queria dizer a verdade”[40].

Eu queria dizer tudo o que quero dizer e que tenha um efeito de verdade. Assim, me farei entender, produzirei o sentido disto que digo: “Tu és minha mulher. Te amo”.

Mas, “ser a mulher dele” não designa, necessariamente, a esposa. Designou uma que foi a eleita para ser sua parceira, sua mulher, pois “quando ele ouvia sua voz o mundo se acalmava”.

Essa “menininha” é a voz, o olhar, nada... Ela é esse objeto condensador da satisfação desse homem; um pedaço de corpo apartado do próprio corpo e com o qual ele goza. E se há a “hora da verdade”, esta é a hora, quando um sujeito se encontra com este objeto que lhe satisfaz sob essa mulher - seu verdadeiro parceiro.

Isso é o que torna a dita mulher um ser absoluto para esse homem, fora de qualquer definição. Mas, se essa mulher, como um pedaço de corpo que condensa seu gozo é seu verdadeiro parceiro amoroso, isso não quer dizer que ela seja a única e tampouco eterna, só não é trocada todos os dias.

---

[40] Fala do personagem masculino no filme *Eu sei que vou te amar*. Direção de Arnaldo Jabor. São Paulo: Versátil Home Vídeo, 2006. DVD.

Ela dá corpo, por isso é a eleita, a esse parceiro misterioso com o qual o homem se satisfaz na relação com ela. E daí a angústia deste homem quando perde a mulher ou, na verdade, quando perde seu objeto amoroso. Este é o medo de um homem e sua verdadeira obsessão,

grandes estragos em sua vida, tamanha a alienação e sujeição ao outro. Assim, ela torna-se, de fato, a palavra plena para o homem: “a mulher dele”, o objeto dele.

E ser a mulher do homem, ser a parceira que seria complementar à satisfação dele, pode ser um limite que algumas delas fazem às suas próprias concessões. Mas para isso exige que seja a única - a única a se adaptar às condições de satisfação desse homem. E esta exigência de ser a única, transforma o amor em demandas insaciáveis e infernais; torna essa mulher uma grande tirana deste homem.

Para outras mulheres, entretanto, a coleção de homens desejantes e apaixonados por elas é o limite às suas concessões. Seduzem, fazem inúmeras concessões até o homem desejá-las, amá-las e depois interrompem a relação.

Outras escolhem a solidão. Deixar os homens à distância evita as concessões. Mas, nem todas tomam gosto por isso - outras tantas mulheres, prestam-se ao lugar de objeto, justamente, para mostrar as falhas e a incompletude deste parceiro, o que faz com que ele necessite cada vez mais dela.

São múltiplas as escolhas e muito criteriosas.

Nossa personagem feminina inventou algumas estratégias para si, e saía e transava com vários homens, criava e fantasiava novos amores... Assim fazia para provocar seu homem, para lhe transmitir uma mensagem: o risco de perdê-la para outro homem? Era sua recusa em ocupar o lugar

de objeto de amor para ele ou tentativas de encontrar em outros corpos, em outros amores, seu ser de mulher? “Onde estou? Uma mulher pode dizer eu?”[41]

Amá-lo tornou-se infernal. Invade-lhe o medo de não ser amada, o medo de perder o corpo do homem que lhe engendra seu ser de mulher. Eis, aí, a verdade de uma mulher, sua “hora da verdade”. E para ela, a angústia advém ao perder o homem cujo corpo lhe dá acesso a uma satisfação inominável, que não há palavra plena que dê conta.

Se para o homem o amor e o sexo podem estar, mais facilmente dissociados, como as repartições tão comumente encontradas: a puta e a santa, a esposa e a amante, uma mulher para amar e outra para transar; para a mulher é mais difícil este desdobramento: um homem para amar e outro para copular, pois é no corpo do homem que o amor é tecido para ela, portanto é preciso passar pelo corpo dele.

Mas, paradoxalmente, se é preciso passar pelo corpo do homem para que a mulher atinja o gozo, ao adquiri-lo ele a faz parceira de sua solidão e a união com o homem fica em segundo plano.

Daí o desencontro e sempre restar algo silencioso, que não cabe em palavra alguma, tanto para o homem quanto para a mulher, pois se acede a uma satisfação inominável, anônima e “a mais”, tanto para um quanto para o outro.

---

[41] Fala do personagem feminino no filme *Eu sei que vou te amar*. Direção de Arnaldo Jabor. São Paulo: Versátil Home Vídeo, 2006. DVD.

O diálogo, a conversação por mais insistente e plena que seja, não dá conta de dizer tudo. O abismo da conversação revela que o verdadeiro parceiro do homem é o objeto, que uma mulher como um pedaço de corpo é o representante, e o verdadeiro parceiro da mulher é o homem em cujo corpo se localiza o que lhe deu acesso a uma satisfação inominável.

Assim, sempre restará algo que não passa totalmente no que é dito, que é da ordem de uma inconsistência e não é cabível, tanto em uma verdade, quanto em uma mentira, por mais que se berre ou grite.

Da conversação, os personagens de Arnaldo Jabor[42] fazem drama, comédia, samba, um dueto. A máscara invade a cena e preside a segurança inicial da verborragia de palavras e potencializa a crença máxima: “Falo, logo compreenderei e serei compreendido”. Eis o engodo revelado.

Falam, falam, falam... e, à medida que falam, surge o monólogo. Ele dialoga com uma mulher que inventou, com todas as suas teorias sobre ela, e ela faz o mesmo. Pois, se há um verdadeiro diálogo é entre o sujeito, seja homem ou mulher, e seu verdadeiro parceiro, que não necessariamente coincide ou consiste no parceiro sexual.

Se o amor romântico esmorece, é indeferido. O que de melhor podem fazer com isso que zomba do que pensam, sonham e julgam?

---

[42] Do filme *Eu sei que vou te amar*. Direção de Arnaldo Jabor. São Paulo: Versátil Home Vídeo, 2006. DVD.

Que isso realize seu intento, como único, diferente de qualquer outro. No amor, para que seja amor, é preciso algo que sempre é novo.

São inúmeras as estratégias possíveis e cabíveis em uma relação amorosa. Inclusive a escolha de um amor singular onde cabe qualquer concessão, e nela estará o limite, pois este amor singular goza na ligação com um parceiro, também, singular.

Mas, é preciso se retirar da embolação da verdade, da fixidez, da solidificação e cristalização das palavras de amor e plasticizá-las, já que homens e mulheres falam de amor de maneiras bem diferentes e há um ponto onde a palavra desfalece e onde ela faltará.

Embaracem-se e inventem estratégias menos infernais para enlaçarem esta satisfação inominável nas parcerias amorosas.

Porque era ela, porque era eu[43]

Eu não sabia explicar nós dois

Ela mais eu

Porque eu e ela

Não conhecia poemas

Nem muitas palavras belas

Mas ela foi me levando pela mão

Íamos todos os dois

Assim ao léu

Ríamos, chorávamos sem razão

Hoje lembrando-me dela

Me vendo nos olhos dela

Sei que o que tinha de ser se deu

Porque era ela

Porque era eu

[43] HOLANDA, C. B. de. Porque era ela, porque era eu. Intérprete: Chico Buarque de Holanda. In: *A máquina*. Rio de Janeiro: Som Livre, 2005. 1 CD. Faixa 14.

“CARTAS DE AMOR”

“Belém

Rua Bolivar, 912

Buenos Aires, Argentina”[44]

A contingência do encontro

Rua Bolivar, endereço da mulher amada por um jovem alemão, Peter. Mas, a rua Bolivar de San Telmo, de San Isidro..., dos diversos bairros da capital portenha não têm como residente Belém. Endereço errado? Residente inexistente? São inúmeras as possibilidades e o mal entendido. O que fazer?

De rua Bolivar em rua Bolivar, de andança em andança, Peter aporta em um pequeno restaurante italiano, na periferia de Buenos Aires - *Restaurante Olinda*, nome de sua proprietária.

“Oli”, como é chamada pelos amigos, é uma italiana de meia idade, que fala alto, que é mandona e ríspida, muitas vezes. Carrega em si a marca do desamor, o que a faz uma exilada, não de sua terra natal, mas da terra do amor.

[44] Endereço da personagem Belém no filme *Herencia*. Direção de Paula Hernández. Buenos Aires: AVH San Luis SRI, 2006. DVD.

Dá-se assim, o encontro de dois europeus[45] que ao desembarcarem no estrangeiro, encontram o outro radicalmente outro e algo que os ultrapassam.

Um deles é jovem, alemão, nasceu sob a efígie do muro de Berlim e viu sua destruição. O outro estrangeiro é uma mulher, agora de meia idade, italiana que residiu em seu país durante a II Guerra Mundial.

Muros, guerras - marcas que ficam entranhadas em um povo, em uma cultura, em um sujeito e, não foram e não são sem conseqüências.

Eis um homem e uma mulher, com idades, línguas, culturas e experiências muito diferentes e particulares, sobretudo no que diz respeito ao amor.

Mas, se a divisão de um país e a guerra são empuxos ao endurecimento, ao isolamento e mortificações, estas adversidades e contingências podem ser o sítio de encontros vivificantes. E assim foi para Peter e Olinda.

Conheceram o amor em meio às atrocidades e contagiados por este vigor na vida, pegam suas maletas e mochilas e com um “tiquinho” de dinheiro, iniciam suas viagens: para Argentina, para buscarem seus amores, para buscarem outras configurações para a vida.

[45] Apresento-lhes, aqui, alguns personagens do filme *Herencia*. Direção de Paula Hernández. Buenos Aires: AVH San Luis SRI, 2006. DVD. (nota da autora).

Mas, nunca encontramos o que viemos buscar e, sim, algo que sempre nos ultrapassa – um desencontro, a ausência de uma programação natural que uniria, por exemplo, um homem e uma mulher.

Deste descompasso na chegada à capital portenha, nossa italiana fez sua guerra particular. Tornou-se a amargura em pessoa.

Perambulou, por muitos anos, entre as lembranças de um amor infeliz na juventude e de uma Itália antiga, que já estava se apagando de sua memória, e um resto de vida que ainda soprava com as visitas e conversas diárias de um amigo, Frederico.

Mas, o jovem alemão mochileiro que adentra seu restaurante e que, também, veio buscar seu amor em solo argentino, assim como Olinda, traz em sua bagagem o entusiasmo e o novo: novos modos de tratar os desencontros, novos enlaçamentos às parcerias amorosas.

E tem como companheiras sua arte de amar sem uma regra pré-estabelecida e sua habilidade em criar uma estética diante da crueza da vida, que contagia, inclusive, nossa querida “Oli”, que apesar da cara durona, mantinha em silêncio e bem guardado em seu quarto, um “restinho” do desejo e delicadeza que a fizeram imigrar.

As lembranças de um amor vivido em outro lugar e em outro tempo podem servir de inspiração e ser um bom motivo para ir ao estrangeiro.

Peter, que desde sua chegada, procurava sua Belém em todas as ruas Bolivar, encontrou-a - em outra rua, casada e grávida de outro homem. Ela ainda era a sua amada, mas ele não era o amado dela, já não

pensava mais nele. Descompassos no tempo e no encontro amoroso que têm efeitos e ressonâncias muito díspares para um homem e uma mulher, para cada homem e cada mulher.

Belém o amou, lá atrás, naquele momento e por um tempo, só um pouco a mais. Peter amou-a, por um tempo que se estendeu muito mais. O amado de “Oli”, também. Ele a amou, por um pequeno tempo. E “Oli”, por um tempo a mais, muito a mais.

Assim são os amores. Amores encurtados, alongados. Amores martirizantes, amores instigantes. Amores frágeis, amores contingentes...

Sortilégios de amor

Paragens incertas, terras permeáveis – eis o solo onde os amores podem traçar sua geografia. Solos que às vezes são áridos, secos e, em outras, mais úmidos e férteis.

Olinda atravessada pelos amores heróicos, idealizados e ficcionais - o amor cortês que na Idade Média cultuava o ideal, a ternura e o desejo de união, sem serem consumados – apaixonou-se na juventude e veio à Argentina buscar seu amor.

Encantou-se, apaixonou-se por um homem desprovido de qualquer consistência sólida. Conviveu com ele por um breve tempo na Itália, trocou pouquíssimas cartas devido às “dificuldades da guerra”... E tudo isto, que

parece tão pouco, foi muito. Foi mais do que o suficiente para que ele fosse erigido em desejável e destinatário de seu amor. Ela o amou – muito.

Algumas “cartas” deste amor foram escritas artesanalmente por Olinda. Foram suas primeiras letras que coloriram e mudaram o sentido dessa história, amenizaram a dor da saudade, das cartas raras e lhe precipitou a viagem, lhe colocou no caminho do desejo. Assim perdurou e alongou-se.

Estas palavras e “cartas de amor” - pequenos depósitos de espontaneidade, sentimentos, experiências e emoções fazem com que o amor renasça a cada dia. Pois, ele precisa ser dito. Precisa que suas intenções sejam, minimamente, concretizadas – ao menos em algumas palavras.

Mas, quando chega a Buenos Aires o encanto se desfaz. O sortilégio que retira do realejo é bem diferente do que lhe motivou a partida de sua terra natal. E o que pôde fazer com este imprevisto que esgarçou seu desejo?

Fez sua lírica ao amor idealizado, imaginário e especular. Amado que sempre escapa e, a cada vez, é mais desejável e imortalizado. As palavras e as “cartas de amor” tornaram-se para Olinda seu canto ao amor infeliz, ao amor eternamente insatisfeito. Foi a tessitura composta por ela, sua letra morta que já não tem valia, mas ainda de grande utilidade para ela.

Um modo de amar que delineou o vazio da relação, mas que encontrou satisfação, justamente na face desumana e irreal que tomou o parceiro por muitos e muitos anos – por demais para ela.

Foi à época, sua “carta de amor” que pretendeu suprir e prorrogar, efetivamente, a ligação que faltava entre Olinda e o amado.

Esta “carta”, em seu caráter ficcional, como muitas “cartas de amor”, nos apresenta a diversidade do amor e constitui um repertório do possível. Opera uma mágica suplementar e liga duas pessoas, cria e relembra um momento, diminui e aumenta a saudade.

“Cartas de amor” - pequenas próteses que nos humanizam, seres desnaturados e compostos por diversos pedaços de um corpo fragmentado que é nossa origem.

Pequenos e variados escritos que parecem bastante diferentes por suas particularidades e que se revelam iguais, pela singularidade de uma experiência inventada e narrada.

Este amor jovem de Olinda, enquanto passou, assim como “a banda”[46] de Chico, reencantou sua própria natureza, causou alegrias, mesmo que efêmeras e, tão logo o amor se foi, assim como a banda, o encanto se desfez.

---

[46] “[...] A minha gente sofrida. Despediu-se da dor. Para ver a banda passar. Cantando coisas de amor. [...] Mas para meu desencanto. O que era doce acabou. Tudo tomou seu lugar. Depois que a banda passou. E cada qual no seu canto. Em cada canto uma dor. Depois da banda passar. Cantando coisas de amor...”. (HOLANDA, C. B. de. A banda. Intérprete: Chico Buarque de Holanda. In: *Chico 50 anos – O malandro*. Rio de Janeiro: Universal Music. 1 CD. Faixa 4).

Se o amado imaginado, que lhe dava a ilusão de completude ao ver-se nele refletida ruiu, se o que se mostra é uma Olinda fragmentada: qual a invenção amorosa que lhe foi possível?

Ela produziu sua metáfora do amor – o amor infeliz. Suas lembranças amarguradas deste desencontro mantiveram-a ligada a este homem, ainda erigido como amado, imortalizado e como tal, ainda muito presente. Fez, assim, com que um sem sentido adquirisse sentido. Mas, de todo modo, não voltou a ser amada por ele e, tampouco amenizou seu rancor.

Quando o amor imaginário e a relação de reciprocidade caíram; quando não havia mais ninguém do outro lado da imagem; quando não havia nenhum humano com quem se identificar e se apaixonar, quis cobrar esta dívida da vida para com ela.

Foi essa a condição humana que pôde dar ao desejo que a gerou e lhe precipitou a viagem.

Exilou-se da terra do amor e passou a uma escrita como preterida e excluída, restando-lhe a amargura, o dissabor e ser comida ainda viva. Foram essas as palavras que pôde escrever para enganchar seu ser novamente e seguir pela vida - palavras ríspidas, duras, cruéis e que a fez mais solitária que a solidão própria a qualquer ser humano.

Se o discurso amoroso contorna este vazio estrutural que há nas uniões e, ao mesmo tempo, reforça-o; se há um inominável reposto na relação com o parceiro, e se o amor constrói uma cena que se revela de

uma extrema solidão, embora com a intenção de ocultar esta ausência inerente: que “cartas de amor” podem ser escritas?

O amor não existe sem a palavra e é preciso compor uma escrita e um dizer com valor de exceção; registrar uma escritura, um amor como um ato ou efeito de excetuar-se da regra geral, apesar de este amor muito singular não poder, jamais, ser usado como um bom exemplo ou modelo universal de amor. Mas, ao menos, ele não é um martírio e, tampouco, para todo o sempre.

Epístola de um amor particular

Um amor não tem o compromisso de ser original e, sobretudo, a qualquer preço. E se cada amor é particular, é porque sua singularidade é feita muito mais de pequenas diferenças do que explosões de invenções.

Cada amor é, ao mesmo tempo, trivial e *sui generis.* E assim o é para Peter e Olinda.

Para nosso jovem alemão, ter encontrado Belém, mesmo que de um modo nada previsto e ansiado, era por sorte um final.

E se Olinda, ainda permeada por seu desencanto amoroso e imbuída de um ideal romântico, tenta insistir com Peter para que por meio dele e Belém fosse possível ver harmonizar-se o encontro de um homem e uma mulher; para que ao menos um amor da juventude saísse do plano etéreo

e fosse a imagem perfeita do amor terrestre idealizado. Peter diz não a esse desfecho pela infelicidade e dá outro tratamento ao desencontro.

Pôde assim, cessar sua peregrinação pela mulher inexistente. Belém, agora, era a mulher de outro homem. Ela já amava outro homem – é este o final.

E Peter, portando o traço deixado pela ruptura do ser, marcado pela solidão que há por debaixo da pele de todo humano e que se faz transparecer, dá um novo sentido ao amor. Não para se alimentar de sofrimento, de um amor irreal e inumano por uma mulher; não para velar a solidão. Mas, para compor um novo laço amoroso.

Ele sabe que sempre se perde algo em uma tradução. Seja na tradução de uma língua, seja na tradução do que se passa com um homem e uma mulher ao se conhecerem, se apaixonarem, por exemplo. E se fizermos uma tradução literal, além de ser horrorosa, não comportará tudo que se passa nesse encontro – algo ficará sempre perdido.

E o que se pode fazer? Deixar-se impregnar pelas ranhuras, pelas substâncias estranhas a cada encontro e desencontro. E é nisso que Peter consente. Deixa-se inocular, inclusive, pelo o que de inédito surge de seu encontro com “Oli”.

O caloroso, o excessivo que transbordava de sua amiga italiana, tanto para expressar seu ódio quanto o seu amor, traz a Peter algo nunca experimentado em seu país de origem, em suas relações familiares - sempre muito frias e distantes. E, encharcado dessas ressonâncias, abre a

possibilidade para que um amor contingente se estabeleça e pode, assim, emprestar o amor à outra mulher, Luz.

Para ele “homens e mulheres não acabam irremediavelmente infelizes”[47].

E Olinda, contagiada pelo brilho intenso que surge de seu encontro com o jovem amigo, também empresta o amor a outro homem, que sempre esteve bem ali, ao seu lado - Frederico.

Ele é o amigo que diariamente e durante anos a fio, vem almoçar em seu restaurante, prosear com sua querida “Oli”.

Sentado em seu “cantinho”, em uma mesa estrategicamente escolhida, rabisca nas toalhas de mesa o vivo que transita aquele pequeno lugar. Dali, Frederico avista as pessoas que chegam para uma conversa, para saborear o tempero e, até mesmo, o mau humor dessa italiana.

E nossa querida “Oli”, não se alimentou somente de desamor, em sua estada em Buenos Aires. Degustou um pouco de amor - um amor silencioso, tímido e que não se deixava ser visto.

Guardava em segredo o amor, os desenhos rabiscados por Frederico e que compuseram, num trabalho de anos, o revestimento das paredes de seu quarto – signos, não de qualquer coisa, mas do efeito de seu amor por este homem e que a deixou suscetível à provocação do desejo e pôde reordenar uma vida inteira.

---

[47] Conto de Marçal Aquino, no qual o personagem em uma de suas falas diz sobre “histórias em que homens e mulheres acabam irremediavelmente infelizes”. (AQUINO, M. Bianca, 17. *O amor e outros objetos pontiagudos.* São Paulo: Geração Editorial, 1999. p. 88).

Inclusive a vida de Frederico, que ao ser levado pela mão de Peter, vislumbra o que decora as paredes do quarto de “Oli”. Retira-se, então, do lugar de eterno amigo fiel. Pede à Olinda uma segunda chance, ao amor, à vida.

E ela diz sim. Oferece, a este novo “amigo-amado”, a delicadeza que não tem e não lhe é natural.

Luz, Frederico – outras pessoas que podem ser amadas. É o que podemos deduzir de algumas palavras acentuadas de um modo diferente, indícios de que estes outros – homem e mulher - são designados como tais: outros destinatários, para outras “cartas de amor”.

Outros amores que riscam e tatuam o corpo todo e fazem de Peter e Olinda amantes, novamente.

Cartas e palavras que deram um novo nome à condição humana que os gerou. Passam a habitar seus próprios corpos, religados pelas palavras, pelo entusiasmo que encharca um pequeno restaurante, uma simples vida, um pequeno detalhe.

E as heranças: hereditárias, culturais, de uma relação amorosa e o exílio de cada um, articulado em palavras, transforma uma experiência em comunicável e pode, assim, ser transmitida integralmente em uma escrita na qual se lê seus efeitos.

Num garimpo de palavras, com pequenas nuanças e detalhes, com composição de letras que têm um sentido claramente expresso em sua escrita, inventam um novo nome para o amor.

Uma escrita que se constitui em suporte para além da fala e cuja gramática prescreve o bem falar e escrever de cada língua particular, que só se revela por escrito.

Escrita desprendida dos nós inextricáveis que os amarravam e os tornavam caudatários dos ideais celestes, irreais e inumanos.

“Cartas” singelas e delicadas, mas signos de que trocamos de lugar, de posição em nosso discursar e que deixamos de ser uns desterrados do amor.

“Um toque de seus dedos no tambor detona todos os sons e inicia a nova harmonia.

Um passo seu é o levante de novos homens e sua marcha.

Sua cabeça se vira: o novo amor! Sua cabeça se volta, - o novo amor!

“Mude nossa sorte, livre-nos das pestes, a começar pelo tempo”, cantam essas crianças. “Não importa onde, eleve a substância de nossas fortunas e desejos”, lhe imploram.

O sempre chegando, indo a todo canto”.[48]

[48] RIMBAUD, A. A uma razão. In: *Iluminuras – palavras coloridas.* São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 33.

Mudamos de razão, deixamos de ser autômatos, imortais, e compomos escritas de amor feitas de letras, que podem ser lidas de infinitas maneiras diferentes, mas que inscrevem a graça de cada ser.

E, ao menos por um tempo, será esta a exaltação máxima de uma sensação ou de um sentimento – seu paroxismo. Um momento de suspensão ao qual se agarra todo amor, para não parar – para não parar de amar.

Letras simples e sofisticadas! Sendo sempre a mesma, será sempre diferente. Assim é o amor de que a letra se faz. Assim são os diversos e variados nomes do amor.

Seguem os mesmos, porém distintos.

Mensagem[49]

"Quando o carteiro chegou e o meu nome gritou
Com uma carta na mão
Ah! De surpresa, tão rude,
Nem sei como pude chegar ao portão
Lendo o envelope bonito,
O seu sobrescrito eu reconheci
A mesma caligrafia que me disse um dia
"Estou farto de ti"
Porém não tive coragem de abrir a mensagem
Porque, na incerteza, eu meditava
Dizia: "será de alegria, será de tristeza?"
Quanta verdade tristonha
Ou mentira risonha uma carta nos traz
E assim pensando, rasguei sua carta e queimei
Para não sofrer mais

Todas as cartas de amor são ridículas,
Não seriam cartas de amor, se não fossem ridículas
Também escrevi, no meu tempo, cartas de amor como as outras, ridículas
As cartas de amor, se há amor, têm de ser ridículas
Quem me dera o tempo em que eu escrevia, sem dar por isso, cartas de amor ridículas
Afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas

Porém não tive coragem de abrir a mensagem
Porque, na incerteza, eu meditava
Dizia: "será de alegria, será de tristeza?"
Quanta verdade tristonha
Ou mentira risonha uma carta nos traz
E assim pensando, rasguei sua carta e queimei
Para não sofrer mais

Quanto a mim o amor passou
Eu só lhe peço que não faça como gente vulgar
E não me volte a cara quando passa por si
Nem tenha de mim uma recordação em que entre o rancor
Fiquemos um perante o outro
Como dois conhecidos desde a infância

[49] NUNES, C.; CABRAL, A. Mensagem. In: *Bis*. Intérprete: Maria Bethânia. São Paulo: EMI Music Ltda. 1 CD. Faixa 8. Texto extraído dos poemas "Todas as cartas de amor são ridículas" e "Cartas de amor" de Fernando Pessoa. In: *Obras Completas de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.

Que se amaram um pouco quando meninos
Embora na vida adulta sigam outras afeições
Conserva-nos, caminho da alma, a memória de seu amor antigo e inútil".

ALGUMAS CONCLUSÕES

"Para que referir tudo no narrar, por menos e menor? Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê. Mesmo o que estou contando, depois é que eu pude reunir relembrado e verdadeiramente entendido – porque, enquanto coisa assim se ata, a gente sente mais é o que o corpo a próprio é: coração bem batendo. Do que o que: o real roda e põe diante. – 'Essas são as horas da gente. As outras, de todo tempo, são as horas de todos'"[50].

Um amante das "damas brancas". Um erro na programação da agência de encontros. A infernal discussão da relação – o fim de um casamento. Dois imigrantes. E muitos sobressaltos. Mas, às vezes, é só assim que se consegue expressar um desejo ou, às vezes, nem assim.

Uma surpresa. E o que de inédito pode advir a partir de um encontro contingente, após um imprevisto que desordena todos os pactos silenciosos que podem constituir a relação de um homem e uma mulher?

Quais as composições e soluções artesanais possíveis em cada relação amorosa? Uma vez que cada sujeito e cada casal definem-nas por intermédio de condições muito singulares, delineadas pela parceria.

[50] ROSA, J. G. *Grande sertão:* veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 155.

Os nossos assíduos amantes emboloraram-se nos leitos dos quartos de hotéis ordinários. Ela ficou na memória – uma dama branca. E ele, sem o vexame da humilhação. Assim, embelezaram o amor, já que amar ainda era demasiado.

E os amores errantes encontram sua parada, não na estabilidade dos padrões da boa moral e nem na mercantilização das relações, mas na sustentabilidade do intensivo e inédito de um encontro.

A fogueira do amor infernal, também, diminuiu suas chamas. A insuportabilidade se transformou em cinzas. E tudo virou carnaval, pois no final das contas, os sujeitos são sempre felizes! Mesmo que não tenham outras satisfações ou que até as tenha, mas pequenas satisfações regateadas.

São muitos os amores. E alguns pedem licença poética. O exílio de cada sujeito, não de sua terra natal, mas de sua própria língua compõe novas “cartas de amor”.

Um imprevisto, um encontro que surpreende, pode ser um instante fugaz, mas também passível de ter espessura e tornar-se um acontecimento – um ato bem sucedido. Ou seja, este encontro pode produzir um feito em que se exprime uma decisão irredutível e que faz sua interferência, aparentemente sem propósito, justamente onde a intencionalidade é falhada.

E esta é uma possibilidade. A possibilidade do ato e, sobretudo daquele que leva a cabo uma decisão de ordem peremptória, ao menos

por um tempo. Eis o amor – a contingência que pode escrever o laço entre um homem e uma mulher – uma “carta de amor”, uma pequena carícia.

Pois, o laço amoroso, sexual. Os casamentos, a relação com outro não precisam estar enfileirados na ordem do impossível.

Se há uma inconsistência e um inominável em todo encontro, e mesmo que se ame “só o trivial do momento”[51], de toda forma, é possível escrever um amor; tecer palavras que demonstrem pequenas luminosidades, invenções linguageiras e não apenas retraduções, cópias baratas de outros amores, que por suposto, são bem mais interessantes.

O amor não é só narcísico, envaidecido e enamorado de si mesmo, confundindo dois amantes com seus ideais de bondade, de beleza e verdade. E tampouco, é realizado somente pela via metafórica.

Se o simples “eu te amo” desfaz todas as representações, as alegorias em torno do amor tão engrandecido. E se, temos revelado, assim, certa inautenticidade no amor ou no amado escolhido, mesmo assim, não é preciso recorrer ao canto do amor infeliz, aos epitáfios, ao consumo e ao utilitarismo do amor ou seu inferno. Não precisamos ficar entregues entre o apagamento da subjetividade e a masturbação solitária. Embora saibamos que a destruição, a mortificação sempre andam, bem perto dos ideais amorosos. Amor e ódio caminham lado a lado e com distâncias muito ínfimas.

---

[51] ROSA, J. G. *Grande sertão:* veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 115.

Mas, se não existe uma condição necessária para estabelecer uma universal sobre o amor, à união de um homem e uma mulher – outras odisséias, outros lirismos, outros laços singulares podem ser encontrados por cada sujeito em suas parcerias, também singulares.

Enlaçamentos inéditos com o outro radicalmente outro. Um outro que se descola da espécie, da universal e da regra. Laços com esse outro que é efeito, justamente, de nossa disjunção com ele, o que faz com que ele seja ele e não nós, embora o amor dele possa ser o mesmo que o nosso. Mas, ele não é nós e nem nós somos ele.

Assim como disse Montaigne, sobre sua relação com La Bóetie: "se me perguntassem por que eu o amava, eu diria, porque era ele; porque não era eu"[52]. Porque ele era outro radicalmente outro, eu o amei.

Eis o amor - um encontro contingente, que faz parar a necessidade ou a impossibilidade da relação entre os seres humanos, entre homens e mulheres. E este amor só se realiza por uma espécie de lirismo – por uma espécie de composição poética que particulariza cada relação amorosa e a torna única.

Esta é a arte de amar. Amar sem uma regra, sem uma espécie. Amar por amar.

---

[52] Citação extraída de GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Amor, territórios de desejo e uma nova suavidade. In: *Micropolítica, cartografias do desejo.* Petrópolis: Vozes, 2000. p. 282.

TATUAGEM[53]

Quero ficar no teu corpo feito tatuagem
Que é pra te dar coragem
Pra seguir viagem
Quando a noite vem
E também pra me perpetuar em tua escrava
Que você pega, esfrega, nega
Mas não lava

Quero brincar no teu corpo feito bailarina
Que logo se alucina
Salta e te ilumina
Quando a noite vem
E nos músculos exaustos do teu braço
Repousar frouxa, murcha, farta
Mor -19.56 Td [(Q)-4.5141(u)-4.51141(u)-4.512çuut

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, A. M. *Afinal, o que querem os homens?* Belo Horizonte: Mazza, 1996.

ALIGHIERI, D. *A divina comédia*. São Paulo: Nova cultural, 2003.

AMADO, J. *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: Uma história de Amor.* Rio de Janeiro: Record, 1976.

AMORES POSSÍVEIS – só o coração pode entender. Direção de Sandra Werneck. São Paulo: Cineluz Produções, 2000. DVD (93 min).

ANDRÉ, S., *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

ANTUNES, A.; BROWN, C.; MONTE, M. Tribalistas. In: *Tribalistas.* Rio de Janeiro: Monte Criação e Produção Ltda, 2002. 1 CD. Faixa 13.

AQUINO, M., *O amor e outros objetos pontiagudos.* São Paulo: Geração Editorial, 1999.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro.* Perspectiva: São Paulo, 1979.

ARISTÓFANES. *A greve do sexo.* Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1996.

ASSIS, M. *Dom Casmurro*. Martin Claret: São Paulo, 1998.

BARROS, M. O menino que carregava água na peneira. *Exercícios de ser criança*. São Paulo: Salamandra, 1999.

BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BAUMANN, Z. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMANN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRODSKY, G. O princípio da dissimetria. *Opção Lacaniana,* nº 37*.* São Paulo: Eolia, set. 2003.

BRODSKY, G. O princípio de imprevisibilidade. Opção Lacaniana, nº 37. São Paulo: Eolia, set. 2003.

CALLIGARIS, C. (Org.) *O laço conjugal.* Porto Alegre: Artes e ofícios, 1994.

CALVINO, I. *Os amores difíceis.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMELO, M. Cara valente. Intérprete: Maria Rita. In: *Maria Rita*. Manaus: Warner Music Brasil Ltda, 2003. 1 CD. Faixa 6.

CASTRO, S. Nomes do amor. *Boletim n. 1 do XVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano – Nomes do amor*. Disponível em:<www.ebp.org>. Acesso em: 16 jun. 2006.

CUNNINGHAM, M. *As horas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DEBORD, G. *A sociedade de espetáculo.* Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. Ato de criação. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 jun.1999. *Caderno Mais!*

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica.* São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.* São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos.* São Paulo*:* Escuta, 1998.

DUBY, G. *Idade Média, idade dos homens: Do amor e outros ensaios.* São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

DURAS, M. *O deslumbramento.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

EURÍPEDES. *Medéia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

EU SEI QUE VOU TE AMAR. (1986) Direção e roteiro de Arnaldo Jabor. Produção de Hélio Paulo Ferraz e Arnaldo Jabor. 1986. [s.l.]: Versátil Home Vídeo, 2006. 1 DVD (115 min).

FERREIRA, A. B. DE H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade II – O uso dos prazeres.* Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREUD, S. A psicopatologia da vida cotidiana. *Obras Completas.* Edição Standard, v. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Obras Completas,* Edição Standard, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. O mal estar na civilização. *Obras Completas,* Edição Standard, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GAARDER, J. *Vita Brevis – A carta de Floria Emília para Aurélio Agostinho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GATTAI, Z. *Anarquistas graças a Deus.* Rio de Janeiro: Record, 1979.

GATTAI, Z. *Um chapéu para viagem.* Rio de Janeiro: Record, 1982.

GATTAI, Z. *A casa do rio vermelho.* Rio de Janeiro: Record, 1999.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético.* São Paulo*:* Editora 34, 1998.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo.* Petrópolis: Vozes, 2000.

HERENCIA. Direção e roteiro de Paula Hernández. Produção de Rolo Azpeitia. Buenos Aires: AVH San Luis SRI, 2001. DVD (90 min).

HOLANDA, C. B. de. A banda*.* Intérprete: Chico Buarque de Holanda. In: *Chico 50 anos – O malandro*. Rio de Janeiro: Universal Music. 1 CD. Faixa 4*.*

HOLANDA, C. B. de. Tatuagem*.* Intérprete: Chico Buarque de Holanda. In: *Chico 50 anos – O amante*. Rio de Janeiro: Universal Music. 1 CD. Faixa 2*.*

HOLANDA, C. B. Todo sentimento. Intérprete: Chico Buarque de Holanda. In: *Focus. O essencial de Chico Buarque.* Manaus: BMG Brasil, 1999. 1 CD. Faixa 12.

HOLANDA, C. B. de. Porque era ela, porque era eu. Intérprete: Chico Buarque de Holanda. In: *A máquina.* Rio de Janeiro: Som Livre, 2005. 1 CD. Faixa 14.

KRISTEVA, J. *Histórias de amor.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LACADEE, P. Fuga e errância na clínica com adolescentes. *Carta de São Paulo – Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise.* São Paulo: EBP - SP, Ano XIII, nº 2, nov. 2006.

LACAN, J. Para além do “Princípio de realidade”. *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo. *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. O sujeito e o Outro (I): a alienação. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. O sujeito e o Outro (II): a afânise. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. *O Seminário. Livro 8. A transferência.* Rio de Janeiro*:* Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. *O Seminário. Livro 20. Mais, ainda.* Rio de Janeiro*:* Jorge Zahar, 1996.

LACAN, J. *Televisão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LÁZARO, A. *Amor – do mito ao mercado.* Petrópolis: Vozes, 1996.

LENINE; RENNÓ, C. Vivo. Intérprete: Lenine. In: *Cite.* São Paulo: BMG Brasil. 1 CD. Faixa 2.

LINS, R. N. *A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito do amor e sexo.* Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, set. 2005.

MILAN, B. *O que é amor.* São Paulo: Brasiliense, 1983.

MILLER, J. - A. A era do homem sem qualidades. In: *Opção Lacaniana, on line.* Disponível em: < www.ebp.org>.

MILLER, J. A. *A erótica do tempo.* Rio de Janeiro*:* EBP, 2000.

MILLER, J. A. *De mujeres y semblantes.* Buenos Aires*:* Cuadernos del pasador, 1994.

MILLER, J. A. *O osso de uma análise.* Salvador*:* Biblioteca Agente, 1998.

NABOKOV, V. *Lolita.* São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.

NUNES, C.; CABRAL, A. Mensagem. Intérprete*:* Maria Bethânia. In: *Bis.* São Paulo: EMI Music Ltda. 1 CD. Faixa 8.

PELBART, P. *A vertigem por um fio.* São Paulo*:* Iluminuras, 2000.

PESSOA, F. Todas as Cartas de amor são ridículas. In:

RIMBAUD, A. A uma razão. In: *Iluminuras – palavras coloridas.* São Paulo: Iluminuras, 2002.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROUGEMONT, D. de. *História do amor no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SADE, M. *Contos libertinos.* São Paulo*:* Imaginário, 1997.

SEMPRUN, J. *A escrita ou a vida.* São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SHAKESPEARE, W. *Romeu e Julieta.* Coleção Universidade de bolso*.* Rio de Janeiro: Ediouro, [19-].

SOLER, C. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

STEVENS, A. Amor e Nome do Pai. *Scilicet dos Nomes do Pai.* [s.l.]: Associação Mundial de Psicanálise, 2005.

VICENTE, S. O imaginário do amor. In: *Imagem rainha.* Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 1995.

ZIZEK, S. *Um mapa da ideologia.* Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo